ENTREVISTA: JORGE GERDAU Lições de um executivo de sucesso

FIEG SESI SENAI IEL ICO BRASIL GOJÁS Goiânia-GO Maio/Junho de 2005 Ano 35 - nº 204

INDUSTRIAL
Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás

NÚCLEOS REGIONAIS

Indústria caminha apesa da crise política

SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás Presidente: Paulo Afonso Renceia Av. Aragusia, 1.544, Rd.Albano Franco, Casa da Indústria -Vila Noa CEP 74645-070 - Coiânia-CO Rone (62) 3219-1300 / Fax (62) 3229-2975

Home-page: www.fieg.org.br E-mail: fieo@sistemafieg.org.br

Núcleo Regional da FIEG em Anápolis Presidente: Waldyr O'Dwyer Av. Eng° Roberto Menge, n° 239-A, Bainno Jundiaí CEP 75113-630 Anápolis-CO Rone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565 E-mail: nursepossistemafieg.org.br SESI

Serviço Social da Indústria DiretorRegional: Paulo Afonso Remeia Superintemiente: Paulo Varges E-mail: adm.essi@sistemafieg.org.br

THI.

Instituto Elwaldo Lodi Diretor Regional: Daniel Viana Sperintendente: Paulo Caleno Pazarhos Hone-page: www.ielgo.com.br Enzil: iel@sistenafieg.org.br SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

DiretarRegional: Paulo Varges Home-page: www.senaigo.com.br E-mail: senaigo@senaigo.com.br

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor Regional: Daniel Viana Superintendente: Paulo Galero Paranhos Home-page: www.icopirasil.com.br E-mail: icog@icopirasil.com.br

DIRETORIA DA FIEG

PRESIDENTE Paulo Afonso Ferreira

PRESIDENTE DE HONRA José Aquino Porto(in memorian)

1° VICE-PRESIDENTE Pedro Alves de Oliveira

2° VICE-PRESIDENTE Wilson de Oliveira

3° VICE-PRESIDENTE Heno Jácomo Perillo

VICE-PRESIDENTES Alaísia Sávia de Silve Antônio de Sousa Almeida Daniel Viana Domingos Villefort Orzil Edmar Sabino Neves Burícedes Felizardo Nunes Francisco Gonzaga Portes Frederico Martins Evangelista Grecório Vassilive Ferreira Hunberto Rodrigues de Oliveira Izaías Lopes da Silva João Essado Jorge Luiz Biasuz Meister José Antônio Simão José Rodrigues Peixoto Neto José Vieira Comide Júnior Lærte Sinão

Leonar do Jayme de Arimatéa. Luiz Pézio

Mário Renato G. de Azeredo Orlando Alves Carreiro Segundo Bracios Martinez

1° SECRETÁRIO

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2° SECRETÁRIO Ivan da Glória Teixeira

1° TESOUREIRO HÉLio Naves

2° TESOUREIRO Abilio Pereira Spares Júnico

CONSELHO FISCAL Waldyr O'Dwyer Orizonar Araújo Siqueira Henrique Wilhem Morg de Andrade

CONSELHO DE
REPRESENTANTES JUNIO À CNI
Paulo Afonso Renceira
Sandro Artrânio Scotto Mebel

CONSELHO DE REPRESENTANTES JUNIO À FIEG Aúlio Pereira Saeres Júnior Aldrovendo Divino de Castro Júnior Aldísio Quintanilha de Bancos Arísio Queiroz de Carvalho Jr.
Artônio Clóvis Carreiro
Artônio de Sousa Almeida
Carlos Alberto Diniz
Carlos Alberto Vieira Souses
Carlos Roberto de Araújo
Carlos Roberto Viana
César Helou
Cláudio Henrique Chimi
Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio Gones de Oliveira Domingos Vilefort Ozil Ednar Sabino Neves Eduardo Curha Zuppani Elton de Teles Campos Brilio Carlos Bittar Eurípedes Felizando Nunes Eurípedes Gones do Canno

Rábio Ressi.
Flávio Paiva Renari.
Francisco Gonzaga Portes
Frederico Martins Evengelista
Gilda Leite Pereira
Guimar Alves da Silva
Henrique Wilhem Morg de Andrade

Hélio Neves Hélio Neves Júnior

Humberto Rodrigues de Oliveira Jaime Canedo

Jair Rizzi.

Jeny de Paula João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima Jorge Iníz Biazuz Meister José Artônio Simão José Iniz Martin Abuli José Magno Pato José Vieira Comide Júnior Joviano Teipeira Jardim Laerte Simão

Lecrer do Jayne de Arimetéa Lecpoldo Moreira Néto Luiz Artônio Vessani Luiz Conzaga de Almeida

Luiz Rézio

Marley Artônio Rocha
Milton Toraz de Lima
Olavo Martins Bancs
Ordine Ardrade Pereira
Oclardo Alves Carreiro
Paulo Afonso Renneiro
Reimundo Viana Dutna
Roberto Guimarães Mendes
Sandro Antônio Scotino Mabel.
Sávio Cruvinel Cârrera
Segundo Bracricos Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Carrijo Scares
Wilson de Oliveira



Direção José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo Joelma Pirheiro

Edição Márgara Morais Reportagem: Andelaide Pereina, Célia Oliveira, Dehovan Lima, Geraldo Neto, Giovanna Amaral (estagiária), Jávier Godinho, L. Cássia Remandes e Simão César Ferreira

Colaboração: Welington da Silva Vieira

Fotografia: Sílvio Sinões

Diagramação: Utopix Design

Rtolito: Composição Artes Gráficas

Impressão: Gráfica Kelps (Asa Rditora)

Produção e Publicidade



Síntese

Rua 116 A com 116, nº 12, Setor Sul

74085-350 Goiânia-GO

Fane (62) 3093-4014 Fax (62) 3281-8602 E-mail: sintesecomunicacao@brturbo.com.br

As opiniões contidas em artigos assimados são de responsabilidade de seus autores e não refletem recessariamente a opinião da revista



12 Crescimento em meio à crise

Indústria diminui ritmo de crescimento, mas continua registrando avanços pontuais em algumas áreas, mesmo com a crise política

22 Novo conselho temático

Fieg cria Conselho Temático da Micro e Pequena Empresa e reafirma a importância do segmento no contexto econômico

28 Cuidando do rio

43 De olho no Parlamento

Fieg lança Agenda Legislativa para acompanhar projetos em votação na Assembléia e priorizar o que interessa ao setor produtivo

Estabilidade industrial e reforma política

empre repito o que a experiência me ensinou: tudo deve ser tratado com realismo otimista. É o que faco novamente agora, quando as taxas de crescimento de determinados setores da indústria goiana demonstram arrefecimento, explicado sobretudo pela queda de preços no atacado dos produtos agrícolas, que são o forte de nossas vendas. No momento atual, a economia brasileira está submetida a dois terríveis grilhões: a taxa de juros e a carga tributária, que travam os preços, embora a produção física siga crescendo. Não obstante, nossa indústria prossegue empregando, mesmo em ritmo menor. Até maio, cresceram o emprego, em 7,60%, e os salários, em 7,29%, comparados a igual período de 2004.

Existe a tendência da agroindústria brasileira se concentrar no Centro-Oeste, notadamente em Goiás, tendo como principais motivadoras as vantagens comparativas, como clima, produtividade da terra, mão-de-obra, topografia e logística de transportes. Também atrai empreendedores a política industrial insinuante, na qual a Federação das Indústrias do Estado de Goiás tem participação efetiva.

Na reportagem de capa desta edição da Goiás Industrial, o presidente da CNI, deputado Armando Monteiro Neto, reconhece que diminuiu o ímpeto de crescimento industrial registrado no ano passado, como consequência do aperto monetário iniciado em setembro. Com menor consumo interno, expandiram-se as



'Nossa indústria se mantém em padrões relativamente estáveis, independentemente da grave crise política que tanto preocupa a Nação"

PAULO AFONSO FERREIRA

exportações e, nesse aspecto, também se insere Goiás, exportando cada vez mais. O excelente desempenho das vendas externas e a entrada de capital do exterior, atraído pelas altas taxas de juros provocam, porém, sensível valorização do real. Assim, o crescimento das exportações não encontra o correspondente resultado no faturamento das empresas. Armando Monteiro adianta, ainda, que as perspectivas de crescimento para 2005 são bem inferiores às de 2004.

Uma constatação animadora nesse quadro está no fato de nossa indústria se manter em padrões relativamente estáveis, independentemente da grave crise política que tanto preocupa a Nação. No final da segunda semana do mês de julho, o IBGE divulgou sua Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário, correspondente a maio de 2005, mostrando que na série livre de influências sazonais, não houve variação em relação a abril. Nas comparações com 2004, os resultados permanecem positivos. Em comparação a maio do ano passado, houve expansão de 2%, a 15^a taxa positiva consecutiva, com o acumulado este ano ficando em 2,6% e, nos últimos 12 meses, em 2,9%. No quadro geral, os setores que vêm se destacando como os principais empregadores na indústria são aqueles voltados para o mercado externo (agroindústria) e para a produção de bens de consumo duráveis (indústria automobilística), enquanto os mais dependentes do comportamento da demanda interna acumulam resultados negativos.

E como há males que vêm para bem, estamos torcendo para que a crise no governo acabe finalmente motivando a realização da reforma política, essencial e inadiável para as próprias instituições, porque nossas leis de combate à corrupção, comprovadamente, longe se encontram de atender ao clamor do País.





































É brasileiro o responsável pelo comando do Grupo Gerdau, o maior produtor de aços longos do continente americano, com usinas siderúrgicas distribuídas no Brasil, Canadá, Chile, Estados Unidos, Uruguai e na Argentina. O complexo industrial começou a ser edificado em Porto Alegre (RS), em 1901, com a Fábrica de Pregos Pontas de Paris. O nome da família está ligado a importantes fatos que marcaram a história do Rio Grande do Sul. Na década de 70, a empresa já havia estabelecido suas bases nos principais centros do País e, em 80, iniciou o processo de internacionalização, com a Siderúrgica Laisa, no Uruguai. Hoje, o grupo alcança capacidade instalada total de 16.4 milhões de toneladas de aço por ano. Seu presidente, Jorge Gerdau Johannpeter, 69, tem longo currículo, marcado pela participação em entidades e organizações de classe, como federações de indústria, sindicatos e câmaras de comércio. Assediado pela imprensa nacional e internacional, Jorge Gerdau abriu espaço em sua concorrida agenda para atender a equipe de reportagem da Goiás Industrial, para esta entrevista.

Goiás Industrial — O Grupo Gerdau está no mercado de aço no Brasil há mais de cem anos. Começou com uma fábrica de pregos e é hoje o maior produtor de aços longos da América. O que permitiu que uma empresa, com um único fundador, se transformasse num grupo de tais proporções e solidez?

Jorge Gerdau – As bases do Grupo Gerdau foram lançadas em 1901, quando o nosso bisavô, o imigrante alemão João Gerdau, e seu filho Hugo montaram a Fábrica de Pregos Pontas de Paris. Em mais de cem anos, os negócios cresceram e, hoje, o Grupo Gerdau já existe há cinco gerações. Ao longo de sua história, o Grupo Gerdau desenvolveu a competência de elevar a produtividade das empresas que passou a operar, principalmente pela difusão das melhores práticas de gestão do mundo e investimento na atualização tecnológica dos parques industriais. Desde a década de 80, tem investido em seu processo de internacionalização, ampliando as operações nas Américas do Sul e do Norte.Na base de todo o desempenho está a "Ideal para o
Brasil seria
produzir mais
aço e exportar
um produto
com maior valor
agregado"

eficiência das equipes. Hoje temos mais de 24 mil colaboradores e estimulamos o desenvolvimento profissional e pessoal de todos, oferecendo capacitação específica para diferentes perfis profissionais.

Goiás Industrial – O sucesso das empresas modernas depende muito do sistema de gestão que elas adotam. Em que se fundamenta o sistema da Gerdau?

Jorge Gerdau – Entendemos que nosso sucesso depende de uma clara direção estratégica, da excelência nos processos e de uma cultura de alta performance. Por isso, nosso sistema se fundamenta em liderança, conhecimento e metodologia.

Goiás Industrial – Tendo em vista que o aço é uma matériaprima estratégica e um recurso não renovável, não é contra-senso o Brasil exportar minério de ferro?

Jorge Gerdau - O mundo produz anualmente 1.25 bilhão de toneladas de minério de ferro. Desse total, 245 milhões são produzidos no Brasil. Esse volume está adequado às reservas que o País dispõe. O aço é um recurso renovável na medida em que pode ser reciclado e reutilizado. O problema do minério de ferro é que ele é um produto de baixo valor agregado. Para o Brasil, o interessante seria ter mais capacidade de produção de aço e, em vez de exportar minério de ferro, produzir mais aço e exportar um produto com maior valor agregado. Mas quem define essas dimensões é o mercado. O Brasil já exporta de 40% a 50% do aço que produz e o limite está muito ligado ao protecionismo mundial.

Goiás Industrial – A empresa desenvolve alguma prática de reciclagem do aço?

SOLUÇÕES PARA SOLDA E CORTE



ALUGUEL DE MÁQUINAS DE SOLDA, VENDAS E CONSERTOS



Jorge Gerdau – A cada ano o Grupo Gerdau recicla cerca de 11 milhões de toneladas de sucata para produzir aço, volume que o posiciona como um dos maiores recicladores do mundo. Dessa forma, conseguimos reaproveitar os bens duráveis que se tornaram sucata. O processo produtivo não prejudica a natureza pela otimização de recursos naturais. Para a sociedade, a atividade de coleta de sucata diminui o volume de materiais nos aterros e gera cerca de 40 mil empregos no Brasil.

Goiás Industrial – Qual sua opinião sobre a questão da responsabilidade social? Seria mais um modismo, uma preocupação do marketing ou as empresas estão se tornando mais humanas?

Jorge Gerdau – Acreditamos que o desenvolvimento econômico de uma empresa deve, necessariamente, vir acompanhado de

> "O sistema de gestão do Grupo Gerdau se fundamenta em liderança, conhecimento e metodologia"

uma atuação eficiente junto ao meio ambiente, à comunidade e aos colaboradores. Dessa forma,

valores como ética, parceria e respeito pautam há muito tempo nossa relação com a sociedade. Apostamos que a difusão do conhecimento, seja por meio do ensino formal, da educação para pesquisa científica, para a qualidade total, para o empreendedorismo ou para o voluntariado, é um caminho fundamental para a construção de um País com maior justiça social, capaz de gerar mais empregos, impostos e riqueza. A Gerdau apóia ainda projetos na área da saúde, cultura, esporte e mobilização solidária. No início deste ano, foi criado o Instituto Gerdau com a finalidade de consolidar as políticas e as diretrizes do Grupo na área de responsabilidade social e coordenar projetos que contribuam ainda mais para a melhoria da qualidade de vida das comunidades. O Grupo Gerdau, em 2004, apoiou 119 projetos sociais no Brasil, beneficiando ao todo 6,4 milhões de pessoas.

> 'O Brasil precisa tomar medidas enérgicas contra a corrupção"

Goiás Industrial – O que o Brasil poderia fazer para ser mais competitivo no mercado internacional?

Jorge Gerdau - O Brasil precisa tomar medidas enérgicas contra a corrupção. Também precisa de um sistema tributário justo e lógico, juros baixos e pouca burocracia. Temos leis em excesso, custo alto do dinheiro e muitos impostos. Aqui, os impostos consomem 54% do valor que adicionamos ao preço do produto. Fora do Brasil, esse percentual é só de 14%. O sistema tributário brasileiro é medieval. Some-se a isso o custo do dinheiro, devido ao risco do País ser muito alto, há uma carência de linhas de financiamento e prazos e custos adequados para investimentos. Em suma, é muito difícil competir. Para sermos competitivos, precisamos de condições de infra-estrutura, de transporte, logística, estradas, ferrovias, portos, telefonia, energia. São estruturas necessárias para o sucesso de um negócio. Esses serviços também precisam ser desenvolvidos com eficiência e competitividade. A soma desses fatores é que irá construir um sistema integrado de competitividade para o País.

Goiás Industrial - O que mais beneficia e o que mais preiudica a imagem do Brasil aos olhos do mundo desenvolvido, em sua opinião?

Jorge Gerdau - A consolidação da democracia e a estabilidade econômica foram fundamentais para a melhora da imagem do País no exterior. O cumprimento dos contratos e das metas estipuladas com os órgãos internacionais, como por exemplo as metas de inflação, é vital para a boa reputação do Brasil. Há que se louvar o trabalho realizado até aqui pela atual equipe econômica. Entretanto, a desigualdade social e a tolerância quanto à violação das leis, em todos os níveis, são muito prejudiciais à imagem do Brasil. Precisamos de reformas e exemplos de seriedade.

> "O sistema tributário. brasileiro é medieval"

Goiás Industrial - Como o senhor avalia a situação do Brasil no que se refere à inovação tecnológica? O País ainda vai sofrer os reflexos dos baixos investimentos em pesquisa?

Jorge Gerdau - Não há dúvidas de que a falta de investimentos em pesquisa e inovação tecnológica prejudica o cresci-

mento. Acredito que o País não só sofrerá reflexos no futuro como já sofre hoje. Um exemplo disso é a composição das nossas pautas de importação e de exportação. Maior valor agregado e iniciativas como a Lei de Inovação representam um avanço, mas ainda falta a definição de uma política de incentivos ao investimento em pesquisa. A falta de articulação entre os centros de pesquisa das universidades e o nosso parque industrial já começou a ser remediada, mas ainda de forma muito incipiente.

Goiás Industrial – Em sua opinião, a política econômica do governo Lula está no caminho certo?

Jorge Gerdau - Sim, apesar das altas taxas de juros. Precisamos trabalhar na redução do déficit nominal para que a indústria possa operar com menores custos de captação de dinheiro. Da forma que está, continuaremos transferindo recursos do setor produtivo para o setor financeiro.

Goiás Industrial – Os últimos acontecimentos políticos evidenciam uma crise de credibilidade em relação aos políticos brasileiros. Até que ponto isso pode ter reflexo na economia do País?

Jorge Gerdau - Por enquanto, a crise política não afeta a economia. A transição tranquila entre os governos FHC e Lula ajudou a fortalecer a imagem da democracia no Brasil e a atuação da equipe econômica também tem sido importante para evitar maiores reflexos junto aos segmentos produtivos. Isso aumenta a confiança dos investidores estrangeiros.



O que mostra se a sua empresa está tendo lucro ou prejuízo são os números. Inclusive o do telefone.

Soluções diferentes, ligações inteligentes: cliente GVT economiza até 30% na conta de telefone da empresa.

Com os Planos Economix GVT a sua empresa pode economizar, em média, até 30% ao mês na conta telefônica. Quer saber como? Acesse agora o site www.gvt.com.br e faça uma simulação. Se preferir, ligue 0800 600 2000 e fale com os nossos consultores. O dinheiro que você economiza na conta de telefone pode virar investimento na empresa.

• Franquia única • Linha adicional • Banda Larga • Cobrança por minutos • Conta Detalhada na Internet

Indústria com o pé no chão

Para os presidentes da CNI, Armando Monteiro Neto, e da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, a crise política vivida pelo Brasil parece ter menos impacto na economia do que as taxas de juros, o aperto monetário e os gastos públicos



Armando Monteiro Neto, deputado federal e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

brasileiro tem demonstrado ser mesmo um forte. Apesar do desapontamento com o governo e com a classe política de modo geral, o País caminha, ora mais devagar, ora mais depressa, para ser uma nação desenvolvida. Como que "indiferente" aos fatos, a classe empresarial continua produzindo, as indústrias operando, os trabalhadores, trabalhando. Se é possível tirar partido da atual crise política por que passa o Brasil, isso deve ser creditado ao poder de fogo cada vez maior dos segmentos representativos da sociedade civil. Nesse contexto, a indústria tem tido papel relevante, ajudando a alavancar a economia, sobretudo pela via da geração de empregos.

Nesta reportagem, os depoimentos de dois importantes líderes empresariais retratam bem o pensamento do setor sobre os últimos acontecimentos. Armando Monteiro Neto, deputado federal e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e Paulo Afonso Ferreira, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), fazem um balanço e um prognóstico da situação das indústrias e reiteram a necessidade das reformas e de mudanças por parte do governo.

Os indicadores da CNI e da Fieg apontaram arrefecimento da atividade industrial no início de 2005. Para Armando Monteiro Neto, isso é um reflexo do aperto monetário iniciado em setembro do ano passado. Com a demanda interna arrefecida, parcela expressiva da produção tem se destinado às exportações, gerando superávit recorde da balança comercial - US\$ 38 bilhões em 12 meses. O ótimo desempenho das vendas externas e a entrada de capitais do exterior estão provocando, porém, forte valorização do real. "O aumento da produção industrial, associado ao bom desempenho das exportações, atinge apenas parcialmente o faturamento das empresas. Comparando-se os dados de produção (IBGE) e faturamento (CNI) para a média dos cinco primeiros meses de 2005 e de 2004, observase que, enquanto a produção da indústria de transformação elevouse 4,4%, o faturamento real elevou-se apenas 1,7%".

NÚMEROS DE GOIÁS

A economia goiana também sinalizou acomodação este ano, depois de experimentar desenvolvimento crescente. "É preciso esclarecer que a base de dados de 2004 é muito superior à base de 2003. Isto significa que os números de 2005 estão sendo comparados com uma base que cresceu em produção física, na média 8,2% para o Brasil e 8,6% para Goiás", alerta Paulo Afonso. Com relação às "vendas reais", a indústria brasileira avançou 16% e, a goiana, somente 1,41%. "A diferença verifi-

cada se explica pela composição do nosso produto industrial, que agrega menos valor e tem sua base na agroindústria", acrescenta.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção física de Goiás cresceu de janeiro a abril de 2005, comparada com igual período do ano anterior, 7,4%, sendo que o Brasil avançou 4,5%. Considerando os números de crescimento da base física, não resta dúvida que está havendo um arrefecimento, ou seja, as taxas de crescimento tornaram-se menores.

No entanto, a indústria goiana continua empregando, embora tenha diminuído o ritmo em maio e junho. Até maio, o crescimento do emprego foi de 7,60% e dos salários 7,29%, comparável com igual período do ano anterior. Houve pequeno aumento no uso da capacidade instalada, o que se explica pela sazonalidade da produção agroindustrial, cujos exemplos maiores são a produção de álcool, açúcar, soja e derivados, beneficiamento de algodão, milho, molhos alimentícios.

Em âmbito nacional, o nível de utilização da capacidade instalada caiu para aproximadamente 82% no segundo trimestre de 2005. Segundo Armando Monteiro, a redução desse indicador reflete, de um lado, o arrefecimento da atividade industrial, e de outro, a maturação dos investimentos que foram realizados em 2003 e em 2004. Ele destaca que o indicador permanece num nível ainda alto, mas que a retomada de uma fase de crescimento requer, obrigatoriamente, a expansão do parque produtivo.

Mais recentemente, alguns dados já começam a mostrar a realização de investimentos. A produção de

bens de capital em maio foi 3,4% superior a de abril, após ajuste sazonal. A importação de bens de capital (em dinheiro) também cresceu em maio, 18,9% a mais do que em abril. "As perspectivas de redução de juros e a zeragem do IPI sobre bens de capital abrem espaço para um cenário mais otimista para o investimento no segundo semestre", diz Monteiro Neto.

PROJEÇÃO MENOR

A CNI revisou o crescimento do PIB de 2005: de 4,0% estimado no primeiro trimestre, para 3,2%. A redução vem ao encontro da realidade dos fatos. A elevação dos juros foi mais duradoura e mais intensa do que prevista, logo, o desaquecimento da atividade industrial superou o que se esperava para o primeiro semestre de 2005.

Um fato importante apontado pelo presidente da CNI é que 2005 deve seguir a tendência dos dois anos anteriores e ter a demanda externa como motor de dinamismo da economia. A previsão da CNI de crescimento do volume de exportações de bens e serviços é de 12,3% em 2005. As importações também avançam, 12,5%, o que amplia a corrente de comércio da economia brasileira. "Estimamos que, em 2005, a soma das exportações e importações em relação ao PIB supere 34%", diz Monteiro Neto. Dados da CNI apontam que a indústria deve crescer 4,2%, sustentada pelas excelentes perspectivas para a indústria extrativa, que deve crescer 11,5% em 2005. "A atividade industrial acomodou-se nos últimos três trimestres e espera por sinalização de juros mais baixos, para reiniciar uma nova fase de crescimento, diz Monteiro Neto.



Paulo Afonso Ferreira, empresário e presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieq)

GESTÃO PÚBLICA

Pesquisas feitas pela CNI também revelaram queda no índice de confiança dos empresários na economia brasileira, o que, segundo Monteiro Neto, está relacionado à frustração quanto à expectativa de crescimento prevista para 2005. No fim de 2004, as projeções de crescimento do PIB eram superiores a 4% e a expansão da indústria de transformação, de pelo menos 5,5%. "Esse é um cenário que não se aplica mais. O arrefecimento da atividade econômica, sustentado pelo aperto monetário, foi mais intenso do que o previsto pelos empresários, o que os fez revisar para baixo suas perspectivas de crescimento para 2005, deixando-os pouco confiantes. A par disso, as exportações, ainda que exibam crescimento forte, estão gerando menos lucro aos empresários, por conta da forte valorização cambial", comenta Monteiro Neto.

Para ele, os últimos escândalos políticos não afetaram a indústria. Pelo contrário, os indicadores mostram que a economia, de certo modo, está descolada da crise. "Os sinais de desaceleração da atividade econômica, de algumas áreas, resultam muito mais em função do longo ciclo de aperto monetário - nove meses de elevação da taxa básica de juros, a Selic – do que propriamente da crise política", diz Monteiro Neto.

Já na opinião do presidente da Fieg, a crise deve servir para estimular a reforma política e o momento de fazer mudanças é agora. "Num sistema político mais eficiente, mais moderno e transparente, essas mazelas que a gente está vendo aí todo dia, com certeza vão diminuir bastante", acredita. Segundo ele, o Brasil adquiriu maturidade democrática, o que faz com que os fatos políticos não abalem o desempenho da economia.

Para o presidente da Fieg, o País precisa dar uma guinada em algumas questões fundamentais, que atrapalham o setor produtivo, dentre elas o sistema tributário, as altas taxas de juros e o custo do Estado. "Precisamos ter coragem de falar que o custo do Estado é muito alto, que ele precisa racionalizar o seu custo, e são nas despesas correntes, não nos investimentos", diz Paulo Afonso, para quem o grande problema do Brasil se situa na gestão pública.

REFORMAS URGENTES

Além da política, os presientes da CNI e da Fieg estão de comum acordo quanto à necessidade de se promover as reformas há tanto tempo esperadas pelo Brasil. Paulo Afonso vai mais longe e diz que o texto da Reforma Tributária, que está no Congresso, não interessa ao setor produtivo. "É inadmissível uma carga tributária em torno de 37% do PIB. O pior é que o governo aplica mal o dinheiro arrecadado, o que frustra a população em termos de serviços públicos e os empresários em termos de infra-estrutura". Paulo Afonso defende a tese de que é preciso alargar a base de contribuição. "Temos de cobrar de todo mundo", conclui.

Na direção da Reforma Trabalhista e Sindical, tanto CNI quanto Fieg tinham a expectativa de que no Fórum Nacional do Trabalho, criado pelo governo, pudesse se avançar na discussão. Isso não aconteceu, na opinião dos entrevistados, porque o governo fatiou a reforma e encaminhou ao Congresso apenas a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Reforma Sindical.

Empresas de destaque

Alguns indicadores mostram que a economia está descolada da crise política. No meio empresarial, por exemplo, as preocupações estão mais voltadas para questões de desempenho e competitividade, conforme mostra a equipe de reportagem da Goiás Industrial, que visitou algumas empresas que se destacam nos segmentos que atuam.

Os cases mostrados aqui se referem à TKS Farmacêutica - inovação tecnológica; Ponto Trançado - comérico exterior; Centrocouros Inhumas meio ambiente; Imol pequena empresa; CMS & Scitech - responsabilidade social.

Santo de casa faz milagre

Fábrica goiana de medicamentos opta pela pesquisa para baratear custos e decretar independência em relação aos produtos importados

Há um ano e meio, a TKS Farmacêutica investe numa idéia inovadora que agrega tecnologia ao seu processo de produção e, de quebra, baixa seus custos operacionais. Trata-se de uma fórmula de revestimento para comprimidos, obtida pelo processamento de uma mistura composta de polímero e várias outras substâncias. A invenção foi, a princípio, decorrência da necessidade de simplificar e tornar mais prática a manipulação dos insumos – substâncias inflamáveis e tóxicas – utilizados no processo de revestimento, e também para baratear os custos com a aquisição de produtos importados para essa finalidade.

A tecnologia desenvolvida pela TKS pode ser utilizada em vários tipos de comprimidos. A empresa, no entanto, escolheu o Cloridrato de Ranitidina, matéria-prima empregada na composição dos medicamentos antiulcerosos, por se tratar de um princípio ativo instável, que degrada com facilidade. O medicamento à base de Cloridrato de Ranitidina é fabricado em comprimidos brancos, o que facilita a verificação de possíveis alterações no produto. O superintendente da empresa, Pedro Alves Ferreira Júnior, explica: "A TKS escolheu um produto instável para assegurar a qualidade do revestimento". O revestimento criado pela empresa chega a custar a metade do preço do importado.

Os resultados obtidos até agora mostram que o produto não fica atrás dos similares comercializados em outros países. "Desenvolvemos uma mistura com insumos nacionais que



Superintendente acompanha processo de produção de revestimento criado pela TKS

Produto goiano nacionaliza até os insumos

nos permite produzir comprimidos revestidos com a mesma qualidade e segurança que o importado nos fornece", garante Ferreira Júnior. As análises revelam também que a tecnologia aplicada tornou o processo de revestimento mais simples e reduziu o tempo de fabricação dos medicamentos. Para o gerente de Produção da TKS Farmacêutica, Ricardo Garcia, os estudos superaram as expectativas: "Melhoramos o nosso processo de produção e nos tornamos independentes do produto importado", avalia.

O invento está em fase de testes e acompanhamento de estabilidade, e será posteriormente apresentado à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para homologação.

OUTRAS NOVIDADES

A TKS Farmacêutica está no mercado há poucos mais de três anos e trabalha com medicamentos similares para hipertensão arterial, gastrite, úlcera, antialérgicos, antiinflamatórios, produtos dermatológicos, repositores minerais e analgésicos. A empresa se lançou a outros experimentos para incrementar medicamentos que já existem no mercado. Desenvolveu compridos de uma determinada classe terapêutica em tamanho menor, para facilitar a ingestão, principalmente por crianças, e mascarou o sabor desagradável próprio de alguns medicamentos.

De passa tempo a produto de exportação

Micro empresa goiana do ramo de confecções destaca-se no cenário da moda tricô e faz sucesso entre europeus e norte-americanos

Tudo começou há cerca de dez anos, quando Maria Cristina do Valle Faria adquiriu uma "maquininha" de tricô manual, daquelas bem rústicas. No início, o investimento serviria apenas para ela passar o tempo e confeccionar uma peça ou outra para uso pessoal. Mas o futuro reservava algo muito além daquela engenhoca ultrapassada para a proprietária. As peças fabricadas fizeram tanto sucesso que, em 2001, o passatempo acabou se transformando na Ponto Trançado - Tricot, hoje, uma das mais prósperas micro empresas goianas do ramo de confecção, com mercado consolidado dentro e fora do País.

A Ponto Trançado tem uma produção estimada na casa de mil peças/mês. Cerca de 40% do que fabrica são comercializados regularmente no Kuwait, na Arábia Saudita, Inglaterra e nos Estados Unidos, sendo os norte-americanos os maiores consumidores. Algumas coleções também foram exportadas para Portugal, Venezuela e Argentina. "Para o futuro, penso em ampliar espaço no mercado europeu, especialmente na Rússia, onde as pessoas estão interessadas em peças diferenciadas", planeja Maria Cristina.

Ela atribui a boa aceitação de seus produtos ao visual diferenciado, que associa o alto padrão de qualidade ao toque artesanal, conferindo às roupas um ar de exclusividade. "É um estilo artesanal sem ser artesanato", define.



Maria Cristina mostra as peças da Ponto Trançado que fazem sucesso em diversos países

Todas as peças da Ponto Trançado são bordadas à mão. Ao tricô, misturam-se tecidos nobres como seda, rendas, pedrarias e estampas exclusivas.

Na opinião de Maria Cristina, conquistar consumidores fora do País é a única solução para que empresas como a Ponto Trançado possam sobreviver às dificuldades do mercado nacional. "Exportar é a saída", avalia. Além do menor volume de negócios internos, as empresas enfrentam o problema da alta carga tributária, que representa "quase 30% do preço final do produto", calcula. Um peso que se torna mais leve quando o destino da mercadoria está além das fronteiras. "Quando exportamos, recebemos incentivos fiscais que deixam o produto mais barato e, portanto, mais competitivo", resume.

EVENTOS SÃO VITRINES

Diferente da maioria das empresas, a Ponto Trançado praticamente iniciou suas atividades fechando negócios dentro e fora do País. "O fato só foi possível graças à participação da empresa na Feira Internacional da Indústria Têxtil (Fenit), em São Paulo, quando não tinha completado sequer o primeiro ano de atividades, e, logo em seguida, na Feira de Dusseldorf, na Alemanha", lembra a empresária.

Participar dos eventos foi importante, mas não o único requisito. "É nescessário estar a par de todos os procedimentos técnicos e burocráticos que envolvem as negociações", ensina. Nesse aspecto, Maria Cristina cita como fundamental a assessoria prestada pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás durante todo o processo.

Exemplo de respeito à vida

Sistema de tratamento permite à indústria de couro de Inhumas devolver ao rio água ainda mais limpa do que a captada

O resultado do trabalho desenvolvido pela Centrocouros Inhumas para obter produção mais limpa e segura pode ser percebido antes mesmo de se chegar à sede da empresa. O odor desagradável, próprio dos curtumes, não existe.

Localizada na bacia hidrográfica do Rio Meia Ponte, a Centrocouros processa 2 mil peles por dia, vendendo a gordura retirada para fábricas de gelatina, chicletes e cápsulas de comprimido. O couro é exportado principalmente para Itália, Hong Kong e China.

Segundo o proprietário João Essado, a manutenção de um ambiente limpo e seguro depende da consciência do empresário, que não pode se preocupar somente com os lucros. "Os custos para implantação de um sistema de tratamento são muito altos. Cerca de 30% do faturamento vai para a parte ambiental", explica Essado, que preside o Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás e representa a Fieg no Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Meia Ponte.

A ausência do mau cheiro não é, porém, o único indicativo de que a indústria não polui. A maior prova está na qualidade da água que é captada de um afluente do Meia Ponte e devolvida ao rio em condições ainda melhores. Logo depois de captada, antes mesmo de ser utilizada, a água já passa por um processo de tratamento. Depois do uso, a água segue em diferentes canaletas, destinada aos tanques de decantação ou ganhando novas utilidades. A água empregada na área de graxaria, onde se retira a gordura do couro, irriga lavouras e pastagens, pois trata-se de excelente adubo orgânico. A que é utilizada com a cal para curtimento tem o mesmo destino.

Uma outra canaleta recebe, separadamente, os resíduos de cromo azul, utilizado para curtir o couro. Após sua utilização, o produto vai para um leito de secagem e em seguida para um aterro dentro da área da própria empresa, onde permanece por um período 12 a 14 anos, até que possa finalmente ser levado para um aterro sanitário comum. Enquanto isso, há todo um cuidado para que o produto não contamine o solo: várias camadas de brita e areia protegem o meio ambiente contra qualquer contaminação.

A água passa por pelo menos sete tanques de decantação, além dos tanques de oxigenação, sendo devolvida ao rio ainda mais limpa, inodora e transparente do que a que foi inicialmente captada.

SAÚDE E **SEGURANCA**

Além de a empresa adotar procedimentos para garantir produção limpa e ambientalmente correta, todos os trabalhadores, logo que são contratados, passam por um treinamento rigoroso, conhecendo as diversas etapas de produção e aprendendo a importância dos cuidados com o ambiente. Recebem também atendimento médico semanal, sendo submetidos regularmente a exames, que permitem verificar se não estão afetados pelas substâncias tóxicas utilizadas na indústria. Do mesmo modo, um laboratório verifica diariamente a qualidade e quantidade de produtos químicos empregados nas várias fases de processamento do couro.

Embora tenha conseguido implantar um sistema completo de tratamento dos resíduos, o empresário reconhece que nem todas as indústrias têm feito o mesmo. Como vice-presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Meia Ponte. João Essado solicitou à Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos e à Agência Ambiental apoio, sob a forma de financiamento, para que os proprietários de curtumes e outros empresários possam aprimorar seus sistemas de tratamentos de água e resíduos.



Na Centrocouros, áqua é tratada e devolvida limpa

Negócio de gente grande

Fábrica de móveis passa por várias gerações e se moderniza adotando novas condutas de gestão. Foco na qualidade para ser competitiva

Quatro irmãos herdaram do pai o ofício da marcenaria. Antero Rodrigues de Oliveira, nascido em 1894, em Cumari, Goiás, viveu numa época em que o trabalho era uma prática eminentemente artesanal. Não se falava em produção em escala. Tudo era feito sob encomenda, conta Eurípedes Oliveira, o único dos filhos de Antero, ainda vivo. Em 1967, ele e os irmãos Pedro, Wander e Divino fundaram a Marcenaria Oliveira, em Goiânia, que mais tarde passou a chamar-se Imol, uma próspera pequena empresa.

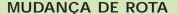
Novo foco leva empresa a investir em tecnologia e automação

Os negócios hoje estão nas mãos da terceira e quarta geração, mas a empresa ainda mantém cultura familiar. Eurípedes Oliveira conta como era ser empresário na década de 60. "Apesar de trabalhar de sol-a-sol, as coisas eram mais simples. A pessoa queria fazer um armário e a gente mesmo resolvia tudo com ela. Hoje, para fazer qualquer coisinha, o cliente traz o decorador, o arquiteto... É tudo mais difícil. Poucos são os profissionais que dão conta de interpretar um projeto. Na minha época, o cliente era mais amigo do que cliente, a gente dispensava serviço, de tanto que aparecia. Agora, não, tem que correr atrás, pois a concorrência triplicou", diz.

Humberto Rodrigues de Oliveira, diretor da Imol, reforça as palavras

do pai. "De fato, tudo mudou muito, as exigências são grandes e levam a pequena empresa a enfrentar vários desafios". Ele cita alguns: "Não existe uma linha de crédito que apóie o pequeno empreendedor, tampouco tratamento diferenciado. As leis que regem a

grande empresa são as mesmas que regem a pequena, sendo que se trata de realidades completamente distintas", compara. "Outra dificuldade é enfrentar os concorrentes que estão na informalidade", diz Humberto.



Para sobreviver num mercado em franca competitividade, a empresa teve de direcionar grande parte da produção para atender hotéis, bancos e estabelecimentos comerciais, cujos móveis padronizados são feitos em escala.

Harley de Oliveira Paiva, outro diretor, acredita que a empresa avançou bastante quando optou pela produção em escala e investiu na automatização dos processos. Ele explica: "Quando a empresa faz isso, qualifica a mão-de-obra e aumenta a qualidade do produto, dando maior agilidade à produção".

A empresa tem planos de atuar no mercado externo e já participou



Eurípedes mostra o acervo que conta história da Imol

de uma feira em Dubai, nos Emirados Árabes. Enquanto se prepara para novos saltos, a Imol busca conquistas em outras áreas. Procura valorizar os colaboradores de várias maneiras: comemora os aniversários, diariamente reúne o pessoal para uma reflexão no início do dia e mantém uma caixa de sugestões. Toda idéia considerada viável e colocada em prática rende uma premiação em dinheiro. Se a sugestão do funcionário se refere a um departamento que não o seu, o prêmio é maior, pois demonstra que a visão dele vai além daquilo que acontece à sua volta.

Na indústria, ao lado de todas as bancadas, há um recipiente para o lixo industrial. Um funcionário recolhe e separa serragem, tocos e ripas, que são doados a instituições filantrópicas. O lixo formado por vidro, plástico e alumínio e até sobras dos produtos químicos é vendido e o dinheiro vai para um caixa único, sendo revertido para os próprios colaboradores.

Da filantropia à responsabilidade social

Primeira em Goiás a filiar-se ao Instituto Ethos, empresa de produtos médicos busca consolidar suas ações de responsabilidade social

O trabalho de responsabilidade social desenvolvido pelo Grupo CMS & Scitech Produtos Médicos teve início em 2001, como uma ação filantrópica. O proprietário da empresa, Melchiades Cunha, vice-presidente do Conselho de Responsabilidade Social da Fieg, começou prestando auxílio a um posto de atendimento espírita no Bairro Independência Mansões, em Aparecida de Goiânia, fornecendo lanches aos frequentadores. Em seguida, fez reformas nas instalações da instituição e acabou mantendo uma creche que hoje dá

tência ou pessoas carentes. Para que se possa considerar que uma empresa faz trabalho efetivo de responsabilidade social, é necessário que siga alguns parâmetros, estabelecidos, por exemplo, pelo Instituto Ethos, organização sem fins lucrativos criada para promover a responsabilidade social nas empresas e uma das pioneiras nessa área. Entre eles, estão cuidados com o meio ambiente, relação com o governo, com a comunidade e com o público interno.

Atualmente, a CMS e a Scitech

preparam ampla reestruturação no espaço de funcionamento da creche e a construção, já no mês de agosto, de um prédio de 800 metros quadrados, que permitirá transformar a educação infantil ali oferecida em ensino formal. O Grupo patrocina também o Circo Lahetô, que desenvolve ações educativas com 150 crianças da

comunidade e assiste os idosos do Abrigo Serra da Areia, em Aparecida de Goiânia, com um trabalho que ajuda a instituição a produzir para se sustentar.



Creche para os filhos dos colaboradores

assistência a 150 crianças da região.

A coordenadora de Responsabilidade Social do Grupo, Fernanda Pultrini, faz questão de enfatizar, porém, que a responsabilidade social não pode ser confundida com filantropia, nem com ação social. Nesses últimos casos, trata-se de iniciativas isoladas, sem continuidade, como doações feitas a instituições de assis-

NA PRÓPRIA CASA

O trabalho de responsabilidade social se estende também aos colaboradores, que têm, por exemplo, a possibilidade de solicitar uma bolsa para custeio de 70% de seus estudos universitários. "A maioria do nosso pessoal que faz curso superior se beneficia desse recurso", observa Fernanda. "Essa é uma forma de contribuir para o desenvolvimento do colaborador", completa.

A coordenadora ressalta que os empresários interessados em desenvolver de fato a responsabilidade social devem levar em conta até o perfil do fornecedor com que trabalham, observando se ele também mantém política nesse sentido. "De nada adianta uma empresa fazer um belo trabalho social, se ela compra matériaprima, por exemplo, de uma outra empresa que explora o trabalho infantil ou provoca danos ao meio ambiente", explica.

Segundo Melchiades Cunha, empresas de países europeus com quem mantém relações comerciais já demonstram interesse em conhecer o trabalho social desenvolvido pelo Grupo antes de fechar negócio. "É difícil avaliar se comercialmente investir em responsabilidade é realmente vantajoso", diz o empresário, mas ele acredita que, no futuro, assim como ocorre na Europa, as empresas que não forem socialmente responsáveis estarão fora do mercado. O empresário observa que "a responsabilidade social deve ser adotada, sobretudo num país com grande desigualdade social, em que o governo não tem capacidade financeira e organizacional para suprir todas as necessidades da população".



Em defesa do direito à infância

Seminário reúne poder público, iniciativa privada e sociedade civil para debater situação de crianças e adolescentes e propor ações contra o trabalho infantil

Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil em Goiás (Fepeti-GO) realizou, no dia 8 de junho, no auditório do Sesi em Goiânia, o seminário Trabalho Infantil e Ações de Enfrentamento a essa Problemática. O evento fez parte das comemorações do Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, 12 de junho, e teve por objetivo discutir a situação do menor

trabalhador e apresentar soluções para que crianças e adolescentes tenham seus direitos respeitados.

Durante o seminário, foi lançada a campanha Goiânia quer Feiras "Livres" do Trabalho Infantil, uma iniciativa da Delegacia Regional do Trabalho em Goiás (DRT-GO), para reduzir o número de menores em atividade no comércio informal da cidade, principalmente nas feiras-livres, onde tra-

balham, geralmente, como carregadores. A campanha pretende conscientizar e mobilizar a população contra essa forma de violência à infância, além de mapear e quantificar os menores em atividade em Goiânia.

Em âmbito nacional, já existem alguns levantamentos sobre o número de menores que trabalham. Estatísticas, ações estratégicas e resultados das iniciativas até agora implementa-

das com o objetivo de extinguir a mãode-obra mirim foram apresentados no seminário, pela presidente do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Isa Maria Oliveira, e pela representante da Coordenação Nacional do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), Cilene Braga Lins, do Ministério do Desenvolvimento Social.

Considera-se trabalho infantil toda atividade econômica e/ou de sobrevivência, com ou sem finalidade de lucro, remunerada ou não, realizada por crianças e adolescentes até 16 anos, excetuando-se a atividade de aprendiz, desenvolvida a partir dos 14 anos. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad/IBGE), entre 1995 e 2003, a mão-de-obra infantil diminuiu 47,5% no País. Isso significa que 2,4 milhões de crianças e adolescentes, de 5 a 15 anos, deixaram de trabalhar nesse período.

Os dados demonstram, no entanto, que mais da metade deles continua trabalhando e que, apesar da legislação avançada de proteção ao menor, garantida pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), muitos permanecem sem o direito à infância. Além disso, às velhas formas de exploração da mão-de-obra infantil, em atividades agrícolas, mineradoras, domésticas e do comércio informal, somam-se o envolvimento dos jovens com o narcotráfico e com a prostituição, além da situação de famílias que sobrevivem do lixo urbano.

Para a preside nte do Fórum, mudar essa realidade depende de profunda transformação nos valores culturais "As pessoas estão acostumadas a pensar que é melhor a criança trabalhar do que ficar à toa.

O Fórum Nacional é um espaço de permanente articulação e mobilização em defesa da criança e do adolescente trabalhador. Reúne representantes do governo federal, dos trabalhadores, dos empregadores e entidades da sociedade civil (ONG's) e tem o apoio de instâncias do poder público, dos operadores de direito, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (thicef).

A partir da efetivação do Fórum Nacional, foram criados os Fóruns Estaduais e do Distrito Federal, possibilitando a adequação das ações à realidade de cada Estado brasileiro e, com isso, a consolidação de uma Rede Nacional de Combate ao Trabalho Infantil. A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) é uma das entidades-membro do Fórum de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, e promove ações para conscientizar o setor sobre a gravidade do problema e inibir a utilização de menores no processo produtivo do Estado.

Criança não tem que trabalhar, nem ficar à toa. Tem que estar na escola. É a escola que contribui para a formação do caráter e o pleno exercício da cidadania", diz. Isa defende a implantação da escola em tempo integral, principalmente nas áreas mais pobres.

Além de nova política de educação, a presidente do Fórum Nacional diz que a integração de políticas públicas e a inclusão da família são primordiais para que qualquer ação de combate ao trabalho infantil seja efetiva. "É preciso dar emprego aos adultos, para que eles tenham condições de criar seus filhos com dignidade", opina.

EMPREGO DOMÉSTICO

Em Goiás, de acordo com informações da procuradora Regional do Trabalho, Jane Araújo Vilani, cerca de 85 mil crianças de até 15 anos, ou seja, abaixo da idade mínima permitida para a admissão no trabalho, têm algum tipo de ocupação. "A Região Metropolitana de Goiânia e os municípios do Entorno de Brasília são os locais onde encontramos o maior número de crianças trabalhando", denuncia.

Uma das formas mais comuns de aproveitamento da mão-de-obra infantil no Estado é a condição de empregado doméstico. "As crianças são levadas para as casas de família, onde supostamente seriam tratadas como filhos de criação, e acabam trabalhando em troca de roupas, alimento e moradia", explica. Segundo a procuradora, essas crianças, na maioria não frequentam a escola, porque não têm tempo ou porque ficam tão cansadas que não conseguem estudar. "As que estudam apresentam enorme defasagem entre a idade e a série que cursam", diz.

Nos últimos dois anos, o Ministério Público do Trabalho, por meio da Procuradoria Regional do Trabalho, vem desenvolvendo campanhas de conscientização e mobilização social para que as famílias finalmente entendam que o trabalho infantil doméstico, embora seja uma prática comum, é tão prejudicial à criança quanto qualquer outra forma de trabalho. As tarefas executadas são em geral inadequadas à idade, à condição física e intelectual dos jovens, o que compromete a sua formação.

A vez da micro empresa

Fieg cria Conselho Temático da Micro e Pequena Empresa para promover avanços na legislação e estimular o crescimento do setor



Humberto toma posse e conclama indústria para união em torno da aprovação da Lei das Micro e Pequenas Empresas

m um momento crucial para a definição dos rumos que as micro empresas irão assumir no Brasil, quando a Lei Geral das Micro e Pequenas e Empresas está sendo votada no Congresso, os empresários goianos ganham um importante aliado: o Conselho Temático da Micro e Pequena Empresa (CTMPE), criado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). O novo conselho é presidido pelo empresário Hum-

berto Rodrigues de Oliveira, que assumiu o cargo no dia 6 de junho, durante reunião da diretoria.

O objetivo do CTMPE é promover ações permanentes que propiciem o crescimento e fortalecimento de micro e pequenas empresas goianas. Nesse primeiro momento, porém, o foco de atenção do conselho está voltado para as articulações em torno da aprovação, no Congresso, da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas.

"Hoje, a nossa grande bandeira é transformar o discurso em prática. Todo mundo sabe da importância das micro e pequenas empresas para o País, mas pouco se faz para que o segmento receba tratamento condizente com sua importância. Na prática, nada acontece", avalia o presidente do Conselho.

A Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, cuja elaboração tem a participação do Sebrae e apoio da



Comboio de ônibus chega a Brasília com empresários: mobilização

Confederação Nacional das Indústria (CNI), prevê tratamento jurídico diferenciado, simplificado e favorecido nos campos administrativo, tributário, previdenciário, trabalhista e de concessão de crédito para o setor.

Entre as modificações propostas pela nova legislação, destacam-se a desburocratização no processo de abertura e fechamento de micro e pequenas empresas, o aumento da alíquota para benefício do Simples e a unificação dos impostos federal, estadual e municipal.

"Todas essas medidas são de importância vital para o segmento. Vamos trabalhar firmemente para que a lei seja aprovada no menor espaço de tempo possível", garante Humberto de Oliveira.

MOBILIZAÇÃO NACIONAL

As articulações do CTMPE para que a aprovação aconteça até o final deste ano estão centradas na mobilização e conscientização de parlamentares, a fim de que eles possam agilizar o processo.

A primeira ação do Conselho ocorreu no último dia 8 de junho, quando organizou, juntamente com o Sebrae, uma caravana de empresários que se deslocou de Goiânia a Brasília, para participar de manifestação nacional em defesa da aprovação da lei. O presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, participou da comitiva e observou que as

ações de mobilização do Legislativo continuam em Goiás.

"Já solicitamos oficialmente a realização de audiência pública junto à Assembléia Legislativa para discutir a questão, apresentando aos nossos parlamentares, de forma clara e didática, o conteúdo da lei. Faremos o mesmo junto à Câmara", anunciou o presidente.

Segundo Paulo Afonso, "a aprovação depende muito do comprometimento de nossos representantes no Legislativo". Em razão disso, também estão na pauta do CTMPE contatos com parlamentares da bancada federal, a fim de que, ao votar a lei, eles estejam mais bem informados sobre ela e os impactos positivos que gerará não só para as micro e pequenas empresas, mas para toda a sociedade.

"Com a aprovação, haverá aumento na formalização do setor, gerando maior arrecadação aos cofres públicos, mais emprego e melhor distribuição de renda", prevê Humberto de Oliveira. Embora os trabalhos do CTMPE estejam focados na aprovação da lei, o presidente do Conselho adianta que as ações da entidade não se limitam a ela.

"O próximo passo será promover ações, por meio de consultorias, para disseminar entre as micro e pequenas empresas de Goiás os conceitos do Programa de Prevenção de Risco de Acidente de Trabalho (PPRA) e do Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional (PCNCO), exigências do governo federal", avisa o presidente.

Quem integra o Conselho Temático da Micro e Pequena Empresa

Abílio Pereira Soares Júnior, Alberto Elias Lustosa, Alberto Vieira Soares, Aldrovando Castro Júnior, Edmar Sabino Neves, Frederico M. Evangelista, Geraldo José de Moura Filho, Hélio Rodrigues de Almeida, Humberto Rodrigues de Oliveira, José Augustinho Nascimento Fogliatto, José de Abreu Torres, José Inácio Caliman, José Roberto Pereira da Silva, Luis Antônio Vessani, Ney Geraldo Borges, Sávio Cruvinel Câmara, Valéria Mastrela de Freitas.

A EMPRESARI MORAIS

COMPROMISSO FECHADO

O governo do Estado, por meio da Secretaria da Indústria e Comércio, iniciou as obras de infra-estrutura do pólo Agroindustrial de Goianira. O presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás (Sindicalce), Flávio Ferrari, diz que a obra é aguardada com ansiedade pelos empresários do setor. Não é para menos, além de ser uma vitrine para o produto goiano a conclusão das obras ajudará a imprimir um novo ritmo às indústrias ali instaladas, 14, só no setor de calçados.

TROCANDO EXPERÊNCIAS

Simone Saisse, coordenadora da Unidade de Relações do Trabalho e Desenvolvimento Associativo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), esteve em Goiânia onde se reuniu. em junho, com a equipe técnica da Fieg. Segundo ela, o propósito da visita foi o de estreitar ainda mais o relacionamento entre a CNI e a Fieg, discutir sobre pontos polêmicos das Reformas Sindical e Trabalhista, além de trocar experiências positivas desenvolvidas pelas duas instituições.

CONSCIÊNCIA **AMBIENTAL**

A Fieg reuniu os presidentes de sindicatos na cidade de Aruanã, no final de julho, para a 9ª Semana do Meio Ambiente. Um dos objetivos do evento é desenvolver a consciência do empresário para a questão ambiental. A programação contou com palestras sobre usos e conflitos da água, pelo técnico ambientalista Harlen Inácio dos Santos, e as várias faces da mudança no meio empresarial, pelo consultor de empresas Homero Reis, além da tradicional caminhada ecológica pela cidade.



DESEMPENHO RECONHECIDO

Wilson Oliveira e Maria das Graças, em um dos muitos encontros promovidos pela Fieg. Ele está entre os agraciados pelo Governo do Estado com a Comenda da Ordem do Mérito Anhanguera. É o reconhecimento à sua atuação como líder classista em Anápolis.

FEIRA ESPERADA

As últimas novidades em produtos, equipamentos e serviços voltados para os processos de industrialização de alimentos estarão na IV Feira de Fornecedores e Atualização Tecnológica da Indústria de Alimentação (FFATIA) que acontece este ano de 25 a 28 de outubro, no Centro de Convenções de Goiânia. Três eventos simultâneos já estão confirmados: o III Encontro de Tecnologia de Alimentos do Centro-Oeste (Etalco), o Circuito Brasileiro de Bebidas e o Simpósio do Açúcar e do Álcool. A feira deverá reunir 200 expositores e atrair mais de 20 mil visitantes. As projeções de negócios estão na ordem de R\$ 200 milhões. O site www.ffatia.com.br traz mais informações sobre a FFATIA que este ano, novamente, terá a revista Goiás Industrial como parceira na divulgação do seu catálogo oficial.

PRÊMIO PARA A IMPRENSA

Está aberto, desde 1º de janeiro até 20 de outubro de 2005, o período de publicação de trabalhos jornalísticos (reportagens, cobertura sequenciada de eventos e cadernos especiais) para concorrer ao 1º Prêmio Sistema Fieg de Jornalismo 2005, nas categorias jornalismo impresso, radiojornalismo e telejornalismo. O prêmio visa incentivar a produção de reportagens e a divulgação de informações sobre o desenvolvimento industrial goiano. Mais informações na Assessoria de Comunicação do Sistema Fieg, pelos telefones (62) 219-1467/1468 e no site www.fieg.org.br

SIMPLES E RÁPIDO

A Fieg vem informatizando seus procedimentos e condutas para prestar um atendimento cada vez melhor aos usuários. Agora, os certificados de origem para exportação e declaração de livre venda são emitidos rapidamente pelo Centro Internacional de Negócios da Fieg, e as taxas, cobradas para a expedição dos documentos, poderão ser pagas na própria tesouraria da instituição, no andar térreo, visando facilitar ainda mais esse serviço. Informações no fone (62) 219-1421.

JOGOS DA CONSTRUÇÃO

Com o apoio do Sesi, o Sindicato da Indústria da Construção (Sinduscon) realiza os Jogos da Construção 2005, que irá acontecer de 10 de setembro a 8 de outubro, no Clube Ferreira Pacheco. As empresas interessadas em participar já podem se inscrever. Mais informações no sindicato, fone (62) 3095-5155.

VISITA IMPORTANTE

Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) visita Catalão e fala sobre política industrial, a convite da Organização Jaime Câmara. O evento aconteceu dia 3 de agosto, dentro do projeto Agenda Goiás, e contou com o apoio da Fieg, que cedeu as instalações da unidade do Senai para receber empresários, políticos e jornalistas. Na ocasião foram discutidas as potêncialidades e os desafios regionais, visando acelerar o processo de industrialização e modernização da produção agropecuária. Acompanhado do presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, os participantes visitaram a Mitsubishi e a Copebrás. A Fieg também participou da terceira etapa do projeto, em Itunbiara, representada pelo seu vicepresidente, Wilson de Oliveira. Para ele, que também preside a Associação Comercial e Industrial de Anápolis, o Agenda Goiás representa uma grande ponte para o desenvolvimento econômico do Estado.

EVENTO CONCORRIDO

Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg enviou correspondência para diversos segmentos convidando para a solenidade de entrega da Comenda da Ordem do Mérito Anhanguera, a mais alta condecoração do Estado, aos seguintes diretores da Casa: Waldyr O'Dwyer, Pedro Alves de Oliveira, Wilson Oliveira, Hélio Naves, João Essado, Frederico Martins Evangelista, Joviano Teixeira Jardim e Domingos Vilefort Orzil e ao colaborador jornalista Jávier Godinho. A solenidade de outorga foi presidida pelo governador Marconi Perillo e aconteceu durante a transferência dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário para a Cidade de Goiás, no final de julho.



Se o seu cliente é o formador de opinião, a melhor mídia para o seu anúncio é a Goiás Industrial.

Para anunciar, entre em contato Fone (62) 3093-4014 sintesecomunicacao@brturbo.com.br

Para além das fronteiras

Eventos internacionais são vitrine e oportunidade de bons negócios para micro e pequenas empresas goianas

instabilidade do mercado interno, que alterna períodos de avanço e retração de consumo, sinaliza para a necessidade cada vez maior de se ganhar espaço lá fora. Exportar é o caminho para micro e pequenas empresas que têm como meta o crescimento. Eventos e feiras internacionais são importantes vitrines e têm sido decisivos para incluir o segmento na rota do comércio internacional.

Além a oportunidade de divulgar seus produtos, esses eventos permitem que micro e pequenos empresários se informem sobre as políticas, ações e estrutura do comércio exterior, bem como conheçam instrumentos de apoio e estímulo, como financiamentos, regras e mecanismo de intercâmbio comercial. Todos esses aspectos são fundamentais para que os empresários sintam-se seguros na hora de exportar.

Entre maio e julho deste ano, eventos de grande porte, destinados a fomentar o comércio internacional, movimentaram o setor de exportação de micro e pequenas empresas goianas.

A 95ª edição do Encontro de Comércio Exterior (Encomex), mobilizou os empresários. O envento foi promovido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDCI), Agência de Promoção de Exportações do Brasil



Ferrari: "Precisamos de alternativas para compensar o alto custo do produto nacional"

(Apex), em parceria com a Secretaria de Estado de Comércio Exterior (Secomex) e entidades representativas dos setores público e privado. "Foi uma ótima oportunidade para discutirmos sobre os problemas que nos afetam e partirmos em busca de soluções", diz o presidente do Sindicato das Indústrias de Calcados no Estado de Goiás (Sindicalce), Flávio Ferrari.

Segundo ele, o maior desafio do setor é buscar alternativas para compensar o alto custo do produto nacional. "Precisamos de um design inovador para agregar valor à nossa mercadoria", avalia. É "lançando moda" que ele espera fechar o ano com aumento de 10% nas exportações de calçados goianos, hoje, na casa dos US\$ 2,5 bi ao ano. "A meta é passar dos US\$ 3 bi", revela.

Os industriais goianos estarão também participando da 37ª FRANCAL, de 19 a 22 de julho, em São Paulo.

CONTATOS E RESULTADOS

Antes do Encomex, foi a vez do Ubifrance e do Connect 2005 abrirem caminhos para novos exportadores. Os dois eventos aconteceram em Paris (França), nos dias 30 e 31 de maio, e de 1º a 3 de junho, respectivamente. Em ambos, o Sistema Fieg atuou como mediador e facilitador na formação de parcerias internacionais, alianças estratégicas, transferência de tecnologia, intercâmbio de recursos humanos, joint ventures e acordos comerciais.

Desde 2001, a Fieg é credenciada pela Comunidade Econômica Européia, no âmbito do Programa Al-Invest, como um Eurocentro de Cooperação Empresarial. Os eurocentros formam uma rede de organizações latino-americanas, responsáveis pela promoção e organização de atividades relacionadas ao programa Al-Invest, que incentiva a cooperação entre empresas de pequeno e médio porte da União Européia e da America Latina.

> Entre maio e julho deste ano grandes eventos movimentaram as exportações do setor calcadista

Enquanto o Connect se dedicou ao balanço das ações dos eurocentros e a tracar metas para iniciativas futuras, o Ubifrance teve como principal objetivo incrementar o potencial de parcerias empresariais e institucionais entre Brasil e França, com a promoção de encontros bilaterais que incluíram rodadas de negócios e promoção de projetos industriais.

De acordo com a agente de Comércio Exterior do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fieg, Johanna Guevara Méndez, a participação no Ubifrance "foi muito importante, já que o Sistema Fieg, através do Eurocentro, participou com cinco projetos". Três deles foram aprovados pelas entidades francesas.

O primeiro projeto, em parceria com o Senai Goiás, prevê a instalação de um Centro de Tecno-

logia em Couro e Calçados; o segundo, a criação do Pólo Dinâmico do Arranio Produtivo Local do Quartzito de Pirenópolis; o terceiro, a comercialização de produtos de beleza da marca UOSH.

Outro evento importante para o setor foi a Fispal, uma das maiores feiras de alimentação e bebida do mundo, que aconteceu entre os dias 4 e 6 de maio, em Miami, no Estado da Flórida (EUA). O evento é mais uma iniciativa de estímulo à inserção de produtos alimentícios, equipamentos e embalagens, originários dos países latino-americanos, nos EUA e México.

Participaram da feira oito empresas goianas, selecionadas pelo Conselho Temático de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). De acordo com Mário Menelez, gerente de Exportação do Grupo Imperial Indústria e Comércio de Bebidas Imperial S/A, a feira foi uma excelente oportunidade para divulgar os produtos da empresa e dar início a promissoras negociações. "Temos dez projetos em andamento, envolvendo grandes empresas da América Central e dos EUA", informa.

Para a Dec Brasil, outra empresa participante da feira, a Fispal já rende bons negócios. "Fizemos vários contatos valiosos. Até agora fechamos um contrato de cerca de US\$ 180 mil com o México e outro está sendo negociado com os EUA", revela Carlos Duarte, diretor comercial da empresa, que fabrica tanques em inox para processamento de alimentos.

Promessas ao Meia Ponte

Nova diretoria do Comitê da Bacia Hidrográfica do Meia Ponte agiliza ações para devolver ao rio um pouco do que lhe tomou a urbanização desarticulada

posse da nova diretoria do Comitê da Bacia Hidro gráfica do Rio Meia Ponte, em maio, na Casa da Indústria, poderá ser um marco na política de gestão ambiental adotada na região, que representa 10% de todo o território do Estado e abriga quase metade da população goiana. Presidido pelo engenheiro Marcos Correntino e tendo na vice-presidência o empresário João Essado, presidente do Sindicato das Indústrias de Couro de Goiás (Sindicurtume), os novos dirigentes pretendem agilizar as ações de recuperação ambiental da bacia, que até então caminhavam a passos lentos em função da falta de articulação de iniciativas públicas e privadas e escassez de recursos.

Para Paulo Afonso Ferreira. presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), é importante o comitê poder contar com um representante do setor industrial. "Essado deverá imprimir às ações a filosofia do desenvolvimento sustentável, ou seja: conciliar o uso dos recursos com a sua preservação, para que possam ser utilizados pelas futuras gerações". Além de presidente do Sindicurtume, Essado é membro de um dos conselhos temáticos da Fieg, o de Meio Ambiente. Ele fala de sua preocupação com a Bacia Hidrográfica do Meia Ponte, "já que é uma área de ex-



Rio Meia Ponte: poluição compromete a qualidade de vida dos goianienses

trema importância para a economia do Estado", justifica. A nova diretoria quer conscientizar os prefeitos dos municípios localizados na bacia e captar recursos junto ao governo do Estado para promover mudanças no ambiente. Na opinião do vice-presidente, os trabalhos do Comitê, criado ainda em 2003, até hoje não deslancharam em função do pouco comprometimento do poder público e da escassez de verbas destinadas às iniciativas.

Como representante da Fieg, Essado destaca que o setor industrial tem feito a sua parte. Ele cita o próprio exemplo. A Centro Couros, de sua propriedade, localizada no município de Inhumas, repõe 70% da água que capta para as suas atividades (ver matéria sobre a empresa na página 17). Na opinião do empresário, esse é um procedimento que deve ser adotado não só pelas indústrias coureiras, mas por todas que usam grandes quantidades de água. A criação da Usina de Tratamento de Esgoto de Goiânia (ETE) foi extremamente benéfica para o Meia Ponte, diz Essado, "pois o grande responsável pela poluição do rio é a cidade de Goiânia". Ele acredita que ações como o reflorestamento, por exemplo, são pouco incentivadas. "Você olha à volta do Meia Ponte e só vê barranco. Não tem árvores", comenta.

DADOS DO MEIA PONTE

A Bacia Hidrográfica do Rio Meia Ponte fica localizada no Centro-Sul de Goiás, abrange 38 municípios e ocupa uma área de aproximadamente 12.180 km². O rio nasce no município de Itauçu e percorre extensão aproximada de 471 km até desaguar no Rio Paranaíba, abaixo de Cachoeira Dourada, na divisa com Minas Gerais. Toda a região às margens do Meia Ponte enfrenta sérios problemas ambientais. Nas áreas urbanas, a falta de saneamento básico é o maior deles. Já nas áreas rurais, a preocupação é com a perda do solo devido ao manejo inadequado, uso indiscriminado de agrotóxicos, erosão, retirada de argila e areia, além das indústrias que usam o rio para despejar os dejetos da produção.

A ausência de uma política de gestão ambiental efetiva e continuada para a região e a falta de articulação entre o poder público, o setor privado e a sociedade civil têm contribuído para acelerar o processo de degradação da região.

Mudar essa realidade é o pa-

pel do Comitê da Bacia Hidrográfica do Meia Ponte. Cabe a ele coordenar as atividades dos agentes públicos e privados, ONGs relacionadas aos recursos hídricos e usuários. Outro grande desafio é reverter o alto índice de poluição, causada pelo lançamento de



João Essado alerta para a falta de articulação entre poder público, privado e sociedade

esgotos domésticos e industriais pela contaminação via águas pluviais - que levam o lixo e os produtos utilizados por postos de combustível, lavajatos, depósitos inadequados de resíduos sólidos e pelo uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos.



O verdadeiro valor da auditoria

Telmo TRAVASSOS DE AZAMBUJA

finalidade do controle de qualidade em qualquer segmento é garantir o alcance de indicadores e metas. A auditoria, que se compõe de um conjunto de atividades para avaliar o sistema de gestão de uma empresa, é ferramenta fundamental para um exame constante dos procedimentos estratégicos e operacionais. A auditoria é uma das formas de tirar fotografias da empresa, de verificar se o trabalho está sendo bem realizado, se o produto atende ao cliente, ou, internamente, se há deficiências.

Como se trata de um processo de controle e avaliação, que ao final apresenta para a organização o estágio atual e o que pode ser mudado para promover a cultura da melhoria contínua da qualidade, há sempre um desafio associado à auditoria: a agregação de valor, que dá utilidade aos resultados apurados.

A adoção de boas práticas técnicas e comportamentais se faz necessária para tornar a auditoria útil à organização. Dessa forma, ela agrega valor quando fornece à alta direção informações sobre a capacidade da organização em alcançar seus objetivos estratégicos; quando se detectam problemas que, uma vez resolvidos, possibilitarão a melhoria do desempenho da organização; e



auditorias. É preciso apresentar

quando são identificadas oportunidades de melhoria e áreas ou fatores de risco. Ao agir desse modo, o auditor conquista a credibilidade para si e para a própria auditoria, desenvolvendo a confiança quanto ao nível da qualidade resultante.

Esse processo, no entanto, necessita de planejamento, envolvimento de toda equipe e principalmente aplicação dos resultados, pois a mecânica de se fazer auditoria hoje é bastante conhecida.

Para que o resultado da auditoria seja produtivo, é necessário ainda que o auditor tenha competência para retratar exatamente como o sistema de gestão da qualidade da empresa está. percebendo se existe ali dentro uma cultura da qualidade já estruturada. Ele deve, portanto, se integrar à cultura de qualidade da organização, seja ela aberta ou fechada.

Como a auditoria se insere num ambiente comportamental, algumas orientações podem ser seguidas para que a atividade agregue valor. É preciso, pois, identificar não só o nível de maturidade da cultura da qualidade na organização e do Sistema de Gestão da Qualidade (SGO), mas avaliar o nível de conformidade com a NBR ISO 9001. Assim, o bom resultado de uma auditoria dependerá do desenvolvimento do auditor e do perfil da empresa. Adotando tais procedimentos, asseguram-se a aplicabilidade e eficiência das recomendações do relatório da auditoria, de modo que elas possam ter validade no desenvolvimento do SGQ. Uma vez que, atualmente, a credibilidade das certificações é vital para qualidade, a crescente competência de auditores e auditados torna-se imprescindível, assim como a existência de sistemas da qualidade realmente efetivos, com utilidade real para as organizações.

Telmo Travassos de Azambuja é consultor e diretor executivo da Management Consulting Group (MCG)

Boas práticas em debate

Conferência internacional reúne empresários, investidores, gestores que têm em mente um objetivo: fortalecer o movimento de responsabilidade social no Brasil

esenvolvimento humano, ética, relações de trabalho, meio ambiente e consumo foram alguns dos temas discutidos durante a Conferência Internacional Ethos 2005 - Empresas e Responsabilidade Social, realizada entre os dias 7 e 10 de junho no Hotel Transamérica, em São Paulo. O evento é um dos principais fóruns de discussão sobre a responsabilidade social das empresas no Brasil e, em sua sétima edição, deu destaque especial às parcerias necessárias para a promoção de uma sociedade sustentável.

A participação da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)



Marco Antônio da Emegê e Antônio Almeida da Kelps estão engajados na campanha

Jovens carentes

são beneficiados

por campanha de

inclusão digital

Democratização digital

A campanha de inclusão digital realizada pelo CTRS arrecadou 25 computadores doados pelas empresas Emegê, EBM Construtora e Belcar Caminhões. As máquinas foram encaminhadas à equipe de suporte técnico em informática do Senai para revisão das condições de funcionamento, troca de peças danificadas e manutenção. No dia 1º de junho, os computadores foram entregues ao Comitê para Democratização Informática de Goiás (CDI-GO), que os repassará a sete escolas públicas de Goiás.

no encontro foi expressiva. Ao todo, 13 representantes de empresas goianas, além de técnicos do Sistema Fieg, acompanharam a conferência.

De acordo com o presidente do Conselho Temático de Responsabilidade Social da Fieg (CTRS), Antônio de Sousa Almeida (Editora Kelps), o evento é muito impor-

tante para a consolidação de uma cultura de responsabilidade social no País. Ele lembra também que o envolvimento da Federação é fundamental para que os resultados das discussões realizadas durante o encontro sejam disseminados em Goiás. "Tudo o que aprendemos lá divulgaremos aqui. Vamos conscientizar o empresariado de que, sem responsabilida-

> de social, não existe desenvolvimento sustentável", declara o presidente do CTRS.

> O Conselho irá promover seminários e cursos de capacitação sobre as prá-

ticas de responsabilidade social. Para complementar esse trabalho, pretende também criar, no segundo semestre de 2005, três novos núcleos do CTRS, nas cidades de Anápolis, Itumbiara e Rio Verde.

Sorriso renovado

Investir na saúde bucal dos trabalhadores resulta em satisfação e eleva a produtividade da empresa. Sesi amplia cobertura e leva serviço ao ambiente de trabalho

Para facilitar a vida do trabalhador, a maioria dos serviços odontológicos preventivos e curativos oferecidos pelo Sesi ocorre no próprio local de trabalho, para onde se deslocam as unidades móveis da instituição. O programa vem expandindo a cobertura em serviços clínicos e é desenvolvido por meio de 18 unidades móveis, em consultórios fixos localizados em centros de atividades em Goiânia, Anápolis, Catalão e Itumbiara, além de gabinetes instalados em nove empresas, situadas em cidades do interior do Estado.

A previsão é de que, até o final deste ano, sejam realizados mais de 46 mil atendimentos, entre serviços de profilaxia, obturação, amálgama, resina, nuva fill, endodontia, prótese, exodontia, limpeza de tártaro, polimento, aplicação de flúor, curativos, emergência e tratamento de canal.

Além dos tratamentos e consultas, são promovidas atividades preventivas e educativas sobre a importância da preservação de uma boa saúde bucal. Uma dessas ações foi desenvolvida na empresa Arroz Lagoinha durante o mês de maio. Ao todo, 43 funcionários receberam tratamento profilático e passaram por operações de obturação e extração. Quem necessitava de tratamento de canal ou mesmo de implantes foi encaminhado ao consultório fixo do Sesi, na Vila Nova. Para Pedro Alves de Oliveira, diretor da empresa, o trabalho superou as expectativas. "Os funcionários sentem-se mais valorizados e a imediata satisfação pode ser



Dentista Ricardo Nasar e o funcionário Mancel Ribeiro. Atendimento é feito na empresa

notada no relacionamento interpessoal, bem como no desempenho profissional", afirma.

Atendimentos odontológicos também foram oferecidos aos funcionários da Goiás Carne, em Senador Canedo, a 18 quilômetros de Goiânia. De acordo com Fernando Bezerra, gerente de Recursos Humanos, o serviço realizado na unidade itinerante do Sesi, é de extrema importância e gera resultados facilmente identificados. Ele percebeu, por exemplo, que muitos funcionários não se sentem mais envergonhados por causa dos dentes e que ficaram mais motivados para o trabalho.

Manoel Ribeiro de Sousa, contratado há um ano e oito meses, lotado no setor de desossa do frigorífico, já fez profilaxia e algumas obturações. "Achei muito bom ser atendido aqui mesmo na empresa. Nas palestras aprendi os cuidados que devemos ter com os dentes, inclusive o modo correto de escovação. Moro bem próximo daqui, em Senador Canedo, e quando for possível trarei minha esposa e filho para usufruírem também desse benefício", diz.

Da mesma forma, a funcionária do Departamento de Pessoal Alice Prado elogiou o atendimento e lembrou que as orientações que precederam ao tratamento foram essenciais para ela cultivar, diariamente, os cuidados com os dentes e a boca. Ela achou prático não ter de se deslocar do trabalho, caso contrário seria necessário recorrer às unidades do Sesi em Goiânia, quando gastaria pelo menos um turno do expediente de trabalho.

Exercício faz bem

Programa oferecido pelo Sesi melhora qualidade de vida e recupera disposição para o trabalho. Qualquer pessoa pode participar, basta inscrever-se

esenvolvido em Goiás há sete anos, o Programa Adul-to em Exercício beneficia atualmente 611 pessoas, sendo executado nas unidades de Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Itumbiara e Catalão, A iniciativa consiste em oferecer aos industriários e à comunidade em geral uma série de atividades físicas. esportivas, culturais e sociais. Seu principal objetivo é fazer com que pessoas sedentárias ou que têm um ritmo intenso de trabalho recuperem sua forma física, disposição para as tarefas do dia-a-dia e auto-estima.

Conforme avaliações dos participantes, o programa tem contribuído para a criação de melhores hábitos, controle do estresse, disciplina, liderança, espírito de equipe, diminuição de fatores de risco, como o alcoolismo, tabagismo, drogas, sedentarismo e obesidade.

Entre as atividades culturais desenvolvidas pelo programa, estão mostras, apresentações artís-

ticas e excursões a pólos turísticos do Estado de Goiás, como Caldas Novas, Aruanã, Goiás e Pirenópolis, e às cidades litorâneas brasileiras. As inscrições podem ser feitas em todas as unidades do Sesi, a qualquer época do ano, uma vez que a cada novo grupo formado são abertas novas turmas. Para os industriários e seus dependentes, a mensalidade é de R\$ 25,00. Já para os não-sócios, o valor é de R\$ 30,00.

A dona de casa Raimunda Burjack Costa, de 74 anos, é um exemplo de quem já colhe resultados com a iniciativa. Há três anos, ela vinha se sentindo estressada, não dormia bem e às vezes não conseguia superar problemas emocionais. "Minha vida ficou mais saudável e feliz. As atividades físicas e sociais me ajudaram a encontrar outras pessoas e a enfrentar a solidão com mais facilidade", diz Raimunda.

Entre as modalidades oferecidas, estão musculação, natação, hidroginástica, yoga, alongamento e ginástica localizada. São promovidas ainda caminhadas e outras atividades de interesse dos grupos, sempre com o acompanhamento de profissionais de educação física. Durante os encontros os grupos comemoram aniversários, assistem a palestras, participam de gincanas, festas típicas, exibição de filmes e bailes com dança de salão. De acordo com a gerente de Lazer do Sesi, Aida Inácio, o Adulto em Exercício mostra que tempo livre não significa tempo ocioso. "Independentemente da faixa etária, a prática de exercícios e do lazer deve fazer parte da vida", diz.

Raimunda Burjack supera problemas emocionais e de insônia com natação: programa ganha adeptos de todas as idades







mural em pintura acrílica sobre reboco, estampado na parede do salão de festas do Clube Antônio Ferreira Pacheco em Goiânia, desde a sua inauguração em 1968, foi totalmente restaurado pelo seu próprio autor, o artista DJ Oliveira. A obra, com 14,20 metros de comprimento e 3,20 metros de altura, revela grande percepção da realidade da época e a evolução futurista do processo de produção de serviços e bens primários. Valores socioeconômicos, principalmente ligados ao setor agropecuário, bem como ferramentas utilizadas em laticínios. frigoríficos, transporte, fabricação de couro, confecção de vestuários e construção civil foram retratados nesse painel.

A obra foi realizada a pedido do então diretor Regional do Sesi, José Aquino Porto, que contratou na época o jovem artista paulistano. Contextualizando os temas da década de 60, DJ Oliveira representou, à esquerda do painel, um ferreiro, que faz uso de polias e barras de ferro forjadas ao fogo. A figura demonstra claramente o início da industrialização em Goiás. Do outro lado, o artista retratou um agricultor, com ferramentas rústicas na mão, simbolizando o valor da agricultura. Já ao centro, apresentou a simbiose entre a indústria e a agricultura, caracterizando uma nova

ordem nas relações do mundo do trabalho.

Graças a tal composição, a obra é até hoje capaz de inspirar reflexões sobre a predominância de investimentos na área social e grandes mudanças que caracterizam o

século XX. DJ Oliveira lembra também que procurou incluir no painel temas de interesse do próprio Aquino Porto. "Para ele, a formação da mão-de-obra profissional, alinhada com os serviços nos campos da educação, saúde e lazer, era uma constante preocupação. Portanto, entre outras investigações do cotidiano, procurei deixar também refletidos na obra muitos sonhos dele", observa o artista.



A obra é restaurada por seu criador, o artista DJ Oliveira

Mente sã, corpo são

Na semana de eventos em homenagem ao Dia da Indústria, a unidade do Sesi da Vila Canaã preparou uma surpresa: inaugurou uma sauna completa para a comunidade

Vila Canaã e os bairros vizinhos foram beneficiados com La inauguração de uma ampla e equipada sauna, dia 20 de junho. Para ter acesso, usuários e seus dependentes precisam apenas apresentar a carteira do Sesi. Já os não associados pagam R\$ 5,00. A sauna funciona nos finais de semana e feriados, das 10 às 17 horas, e às quartas-feiras das 18 às 21 horas.

De acordo com a diretora da unidade, Antônia de Freitas Stecca, trata-se de um espaço adequado para que os trabalhadores, após a jornada, possam desfrutar de momentos de lazer e repor as energias.

Para o diretor da siderúrgica Centercom, José Alberto Milhomem, essa nova opção de lazer oferecida pelo Sesi comprova sua missão de sempre promover ações sociais. "Há mais de três décadas assisto de perto à atuação da instituição em favor dos industriários",



Nilton Faleiros, Pedro Alves e Antônia Stecca inauguram sauna

comenta. Segundo o gerente da Eternit, Lindenberg Cavalcante Guimarães, diariamente os 137 funcionários da empresa são beneficiados com iniciativas promovidas pelo Sesi, como ginástica laboral, atendimento odontológico, campanhas de prevenção de acidentes e participação nas comemorações alusivas ao Dia do Trabalho e Dia das Crianças. "Esses serviços encantam a história do Sesi dentro da Eternit", diz o gerente.

Prêmio Sesi de Oualidade

A décima edição do Prêmio Sesi Oualidade no Trabalho (PSQT) recebeu inscrições de 25 empresas, registrando aumento de 92,31% de participantes em relação ao ano anterior. Realizado desde 1996, o prêmio é um reconhecimento público aos esforços do empresariado industrial brasileiro na adoção de medidas que favoreçam a qualidade de vida do trabalhador. Com a

iniciativa, o Sesi estimula as empresas a elevar sua produtividade e competitividade, por meio de ações que promovam a escolaridade do trabalhador, sua saúde, recreação, cultura e lazer.

De acordo com a coordenadora do prêmio em Goiás, Solange Queija, cada participante, ao se propor a concorrer, jáé considerado vencedor, poisésinal de que a empresa adota projetos que evidenciam sua responsabilidade social.

A seleção dos inscritos será feita pelos próprios trabalhadores e complementada por uma visita técnica do Sesi. Os nomes das vencedoras da fase estadual serão revelados em setembro. As empresas selecionadas concorrerão à etapa nacional, promovida pela Confederação Nacional da Indústria (ONI).

Cidadania mais cedo

Senai qualifica 42 adolescentes para Níquel Tocantins. Jovens participam dos programas com entusiasmo diante da perspectiva de emprego, formação e crescimento

rachá de identificação, salá rio, carteira assinada, plano de saúde. Com esses e outros direitos trabalhistas já garantidos, 42 adolescentes aprendizes, com idade entre 14 e 18 anos, vivem a expectativa de consolidar ingresso no mercado de trabalho. A oportunidade está sendo oferecida pela Companhia Níquel Tocantins, do grupo Votorantin, em Niquelândia, Norte do Estado, a 380 quilômetros de Goiânia.

Além da aprendizagem recebida por meio do Senai, a possibilidade do primeiro emprego motiva o grupo selecionado pela empresa. Ao todo, 296 adolescentes se inscreveram para o programa e passaram por verdadeiro vestibular de cinco etapas. A Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, em Anápolis, é responsável pela execução do programa da empresa. Foram formadas duas turmas de mecânica de manutenção industrial e duas de eletricista de manutenção industrial, iniciadas no dia 1º de março. Os cursos são ministrados em uma casa alugada pela companhia. O Senai adaptou o ambiente e deslocou para lá vários equipamentos necessários aos cursos. Até a unidade móvel de ensino a distância foi deslocada, para levar aulas de informática básica.

Os cursos são realizados dentro da Lei 10.097, que altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho e determina que de 5% a 15% do número de empregados de uma empresa seja de aprendizes. De

acordo com a legislação, aprendizagem é a formação técnico-profissional compatível com o desenvolvimento físico, moral, psicológico e social do menor, caracterizada por atividades teóricas e práticas de-



senvolvidas no ambiente de trabalho. O aprendiz também deve estar matriculado e freqüentar a escola.

A psicóloga da Níquel Tocantins, Janice Maria Porfírio Alves, responsável pela supervisão dos adolescentes e que também participou do processo seletivo, explica que a companhia já possuía a cota mínima legal de aprendizes trabalhando apenas na área administrativa. No entanto, a empresa quis atingir a cota máxima, expandindo o processo e abrindo vagas também em áreas técnicas. "Nossa interação com o Senai tem sido muito satisfatória e os professores têm agido como pais para os aprendizes. Nosso interesse não é só formar o técnico, mas



Instrutor Nathan Inácio orienta aprendizes de eletricidade



também o cidadão, que irá se sobressair em qualquer área em que for trabalhar", afirma.

Enquanto o Senai planeja e organiza o programa de aprendizagem, a empresa proporciona condições e recursos necessários à realização dos cursos e ainda promove reuniões com os aprendizes, pais e professores. Os alunos não têm nenhum tipo de gasto.

TEORIA E PRÁTICA

A duração de cada curso é de 1.600 horas, divididas em fase escolar e em atividades desenvolvidas em situações reais de trabalho. Foram formadas ao todo quatro turmas que reúnem os aprendizes nos perí-

odos matutino e vespertino. Ao final, previsto para fevereiro de 2007, todos eles receberão certificado de qualificação profissional.

"Os alunos demonstram enorme entusiasmo pelo aprendizado, não faltam às aulas, são atenciosos e conseguem realizar as atividades satisfatoriamente. A animação é tamanha que a primeira peça que produziram no curso de mecânica de manutenção industrial deram aos pais de presente", conta o instrutor de mecânica, Jerson Gabriel de Oliveira.

Uma das três alunas da turma de mecânica do turno matutino, cuja maioria é de homens. Leilane dos Santos Ribeiro, de 15 anos, diz estar quebrando um tabu e se sente privi-



Tarcísio Novaes: "Nem acredito que estou recebendo para estudar"

legiada por ter sido selecionada entre tantos concorrentes. "Mesmo que achem estranho uma mulher em um curso de mecânica, para mim não há diferença e também não tenho dificuldades no aprendizado. Minha mãe foi a pessoa que mais me incentivou. Esta oportunidade é única e muito importante para todos nós. Agora estou ansiosa por começar a trabalhar", diz. Com poucos meses de curso, ela pretende continuar seus estudos e se aperfeiçoar em desenho técnico mecânico.

O instrutor de eletricidade Nathan Inácio da Costa conta que os participantes desenvolvem com facilidade as atividades e que os pais fazem questão de acompanhar de perto o desempenho deles. "Os alunos já produziram quatro circuitos elétricos, inclusive as garotas. No início, eles também utilizavam softwares para simular estes circuitos", diz.

"Somos privilegiados por estar aqui. No início, as pessoas nos paravam nas ruas para perguntar quem éramos e o que fazer para estudar no Senai. Eu gosto muito de elétrica e nem acredito que estou recebendo para estudar", afirma Tarcísio Novaes da Costa, de 17 anos.

Qualificar para construir

Senai qualifica 420 profissionais para construir mineradora em Alto Horizonte. A obra está sendo um dos maiores empreendimentos na história do município e seus vizinhos

implantação da Mineradora Manacá, que vai explorar ouro e cobre em Alto Horizonte, no Norte do Estado, mobiliza a população do município e dos vizinhos Campinorte e Nova Iguaçu de Goiás. Cursos de qualificação na área da construção oferecidos pelo Senai atraem moradores das cidades interessados em ingressar no mercado de trabalho e elevar a renda familiar.

Com previsão de começar a operar em um ano, a mineradora precisa para sua construção de 610 trabalhadores qualificados, demanda inicial para os meses de

junho, julho e agosto. Diante da necessidade de mão-de-obra, a Manacá procurou a prefeitura municipal, que, por meio da Secretaria das Cidades do Estado de Goiás, recorreu ao Senai. A Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, em Anápolis, é responsável pela realização e supervisão dos cursos.

A Manacá integra o grupo canadense Yamana Golding, que já explora minérios em outros municípios goianos. O início da construção da mineradora deverá ocorrer no próximo semestre e, em 2006, será iniciada a exploração da jazida. A Manacá prevê a extração de 4 toneladas de ouro e 65 mil toneladas de cobre por ano.

Tradicionais, porém de conteúdo atual, são oferecidos cursos de armador de ferragens, pedreiro básico, ajudante de pedreiro, carpinteiro de forma, soldador de arco elétrico, pintor de obras, instalador de água e esgoto, eletricista instalador predial e segurança no trabalho, ministrados gratuitamente à população. Da demanda inicial, 420 trabalhadores das três cidades foram selecionados para a qualificação e já iniciaram seus estudos.



O coordenador da Mineradora Manacá, Ronaldo Sangiorge, afirma que o apoio e ensino do Senai tem sido fundamental. Ele adianta que, caso os trabalhadores sejam efetivados, serão redirecionados para outros tipos de treinamento, possivelmente também ministrados pelo Senai. "Os professores nos auxiliaram bastante. Agora, essas pessoas entendem por que precisam de qualificação. Além disso, o ensino do Senai os tem direcionado para a postura da empresa", avalia.

COMUNIDADE MOTIVADA

Enquanto aprendem, pedreiros e ajudantes também exercitam a cidadania. Com doações da prefeitura e da mineradora, o canteiro de obras dos alunos não é uma mera simulação do processo de aprendizagem. Nas aulas práticas, eles estão construindo um posto de saúde, uma igreja e casas para pessoas carentes de Alto Horizonte. A produção da carpintaria também já tem uma finalidade - bancos e móveis de igrejas.

Pedreiro há mais de dez anos, Adão de Deus Cordeiro descobriu, por meio do curso de pedreiro básico, que necessitava atualizar seus conhecimentos. "Neste curso percebi que há muito que aprender ainda. Com o tempo, as técnicas vão se aperfeiçoando e nós ficamos para

trás. Além disso, é um privilégio ter o certificado do Senai", afirma.

Nos cursos de carpinteiro de forma e soldagem, o entusiasmo é o mesmo. A maioria dos alunos é formada por profissionais com muitos anos de trabalho, que aprenderam seus ofícios na prática. Todos afirmam que os cursos têm renovado seus conhecimentos e que, com o certificado do Senai, mesmo que não sejam efetivados pela



Prefeito de Alto Horizonte, Luiz Braga: "Vinda de instrutores facilita qualificação"

mineradora, terão maior oportunidade de conseguir emprego.

"Eu não conhecia a numeração de pregos, não sabia nada de teoria. de números. É um privilégio recebermos esses cursos na nossa cidade. O certificado do Senai é um passo a

mais na vida da gente", afirma Antônio Donizete, que trabalha há 15 anos com carpintaria.

O prefeito de Alto Horizonte, Luiz Braga, diz que a vinda ao município de instrutores do Senai facilitou o processo de qualificação na cidade. "As pessoas daqui são sedentas por aprendizado, nesta região não há instituições que ministrem cursos de qualificação. Ficamos imensamente gratos por recebermos o ensino aqui na nossa cidade."

Canteiro de obras do posto de saúde e Adão de Deus Cordeiro, pedreiro: "Ter curso do Senai é um privilégio





IEL chega a Rio Verde

Instituto Euvaldo Lodi amplia rede de atendimento e leva programa de estágio e de promoção da qualidade à Região Sudoeste



Paulo Galeno, Paulo Roberto Cunha e Oduvaldo Lopes Ferreira na inauguração do escritório do IEL em Rio Verde

Instituto, que tem sede em Goiânia, já dispunha de escritórios nas cidades de Anápolis, Luziânia e Itumbiara. A unidade de Rio Verde tem as condições necessárias para atender à demanda do setor na região e projetar as empresas lá situadas como referência em qualidade e gestão para todo o Estado.

"Vamos oferecer técnicas modernas gerenciais para o mundo competitivo que temos hoje. Estaremos encaminhando os estudantes para as organizações, preparando as empresas para a qualidade e obtenção do ISO 9000, organizando os laboratórios na Rede Metrológica Goiás e discutindo recursos de gestão", diz o superintendente do IEL, Paulo Galeno Paranhos.

A nova unidade foi recebida com entusiasmo pela Associação Comercial e Industrial de Rio Verde (ACIRV), parceira do instituto. O presidente da ACIRV, Oduvaldo Lopes Ferreira, acredita que o IEL chegou em um momento histórico da cidade e considera o instituto parceiro ideal para suprir dois grandes gargalos do setor empresarial: o ingresso dos alunos no mercado de trabalho e a dificuldade de relacionamento entre fornecedores e compradores da região. Para o prefeito da cidade, Paulo Roberto Cunha, a instalação do escritório é oportuna, pois o município acaba de criar um distrito industrial de pequenas empresas.

FORMANDO TRABALHADORES

A instituição, que começou suas atividades com o processo de interação universidade-indústria, por meio do programa de estágio, tem adotado novas frentes de atuação. "O IEL ampliou suas ações, parcerias e oferece programas e projetos de capacitação empresarial, de apoio à gestão da qualidade, de inovação, empreendedorismo, formação de talentos e pesquisa", enumera Paulo Galeno Paranhos.

Somente o programa de estágio já colocou mais de 80 mil estudantes no mundo do trabalho. Por ano, 9 mil alunos são encaminha-

dos às empresas goianas. Além dos estágios, o IEL promove atividades estratégicas para os estudantes, ações e projetos com o objetivo de melhor preparar o futuro profissional. O programa Universidade na Indústria, por exemplo, permitiu que as instituições de ensino conhecessem o perfil e as qualificações profissionais de que as empresas necessitam.

Convênio e cooperação técnica também têm sido mantidos com o intuito de formar mão-de-obra especializada para Goiás e possibilitar aos alunos maior aproximação com o mercado de trabalho. Gustavo Teixeira, diretor comercial da LG Informática, revela que foi por meio do IEL que a empresa estabeleceu relacionamento com as instituições formadoras de mão-de-obra especializada.

Outro programa que prepara profissionais para o futuro é o Gestão de Talentos, que apoia o jovem dotado de potencial, oferecendo-lhe formação dirigida, atendendo às necessidades específicas da organização solicitante. "O programa contribui para o desenvolvimento das empresas e das pessoas. Acredito que o Estado e as empresas têm no Gestão de Talentos uma oportunidade ímpar de crescimento, avalia Edione Castro, sócio-proprietário da Termoeste.

Já a área de Consultoria em Gestão Empresarial auxilia as empresas na conquista de índices satisfatórios de competitividade para



Margareti Scarpelini: "Toda a cadeia de fornecedores deve estar amparada nos requisitos de qualidade"

disputarem lugar no mundo globalizado. Ao atender às necessidades identificadas no mercado, a consultoria oferece servicos de acordo com a realidade de cada empresa, proporcionando mudancas direcionadas.

Por meio do Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), o IEL atende à demanda das grandes indústrias. O PQF prepara atualmente 70 fornecedores de segmentos distintos e é desenvolvido em Goiânia, Anápolis, Minaçu e Itumbiara. A iniciativa vem contribuindo para o crescimento sócioeconômico dos municípios, ao fortalecer cadeia produtiva.

> Margareti Scarpelini, do Comitê Gestor do POF e funcionária da Caramuru, em Itumbiara, diz que o programa estimula os fornecedores a conceberem a cultura da qualidade. "Para nossa empresa e demais compradoras da região, é importante ter a certeza de que a cadeia de fornecimento estará amparada nos requisitos de qualidade".

Outro serviço oferecido pelo IEL está afeto a pesquisas, levantamentos e análise de dados para a tomada de decisões empresariais. Um dos parceiros constantes da instituição nesse contexto é o Sebrae. "O IEL nos oferece um serviço de altíssima qualidade", ressalta Gilvane Felipe, superintendente do Sebrae.

Da universidade para a indústria

Projeto Bitec conjuga conhecimento com a prática do mercado e distingue idéias inovadoras, aplicadas com sucesso em micro e pequenas empresas de todo o País



Iélis Junior, Sérgio Botelho, Irondes Souza, Maria Lúcia (IEL) e Mara Núbya exibem a chancela dada pelo Sebrae aos projetos desenvolvidos em Goiás

ncentivar o desenvolvimento tecnológico dentro das micro e pequenas empresas é o objetivo do Projeto Bitec (Bolsa de Iniciação Tecnológica), patrocinado nacionalmente pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) em parceria com o Sebrae, CNPq e Senai.

As bolsas, dirigidas a estudantes de todo País, têm aprovado e premiado projetos que agregam valor à atividade empresarial, além de proporcionar a participação da comunidade acadêmica no setor industrial.

Alunos de instituições de ensino superior de Goiás, a exemplo de Irondes Alves Souza, de 26 anos, do Centro Federal de Educação Tecnológica; Lélis Alves Júnior, de 21, da Universidade Católica de Goiás; e Mara Núbya de Souza, de 22, da Universidade Estadual de Goiás, foram destaques no programa e premiados com o curso Empretec de capacitação empresarial, do Sebrae. Como os projetos são monitorados por um professor, o Bitec premiou Sérgio Botelho de Oliveira, orientador do melhor trabalho.

RESULTADOS PRÁTICOS

A experiência tem trazido retorno para as partes envolvidas no processo. Irondes Souza conseguiu emprego na empresa em que desenvolveu o projeto – Sistema de tratamento de água por micro-processamento da cuba de eletrodos de cobre – e ainda iniciou uma empresa de prestação de serviços. "Adquiri conhecimentos específicos na área que pesquisei. Esse projeto foi um salto na minha vida profissional."

Mara Núbya diz que seu projeto – Avaliação e reestruturação do sistema de irrigação por microaspersão em ambiente fechado – lhe deu contato com a realidade do mercado. A pesquisa também abriu horizontes para Lélis Júnior, que elaborou um plano de distribuição de produtos de uma empresa de gêneros alimentícios naturais.

O projeto existe há quase dez anos e seu foco é o desenvolvimento tecnológico. Segundo seu coordenador nacional, Ricardo Romero, "o Bitec é um instrumento para que peguemos alunos brilhantes e professores e os coloquemos nas empresas para desenvolver tecnologia, seja melhoria de processo, tecnologia industrial básica, trabalhar soluções para necessidades técnicas, operacionais ou administrativas". Para este ano, 501 projetos foram aprovados. De acordo com a coordenadora de Interação Escola-Empresa do IEL Goiás, Maria Lúcia Macedo, a instituição coordena outros 17 projetos de alunos universitários selecionados na capital e no interior.

Relações às claras com o poder

Goiás ganha publicação que permite à indústria conhecer projetos de leis de seu interesse e sugerir alterações. A iniciativa pode ser estendida ao Legislativo municipal

s empresários goianos contam a partir de agora com importante instrumento para acompanhar e participar do andamento de projetos de leis que de algum modo afetam as atividades industriais. Trata-se da Agenda Legislativa da Indústria Goiana 2005, lançada, no dia 29 de junho, pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg). O acontecimento reuniu grande número de empresários, representantes patronais e a maioria dos deputados que compõem o Legislativo estadual.

A publicação relaciona projetos que tramitam na Assembléia Legislativa, propostos pelos próprios parlamentares ou pelo Poder Executivo, que de algum modo interessam ao setor industrial. Criada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), há dez anos, a Agenda já foi implantada nos Estados do Paraná, Distrito Federal e Espírito Santo e traz não só o texto dos projetos, mas os pareceres favoráveis ou desfavoráveis a cada um deles. Tais pareceres são elaborados por uma equipe técnica e retratam o pensamento dos presidentes de sindicatos patronais da indústria e empresários.

Nesta primeira edição, figuram 19 projetos de leis, organizados em dez temas: assuntos econômicos, tributários, infra-estrutura, meio ambiente, agronegócio, comércio exterior, responsa-



Carlos Eduardo Moreira e Paulo Afonso lançam Agenda Legislativa

bilidade social, assuntos institucionais, ciência e tecnologia, e políticas regionais. Os temas abordados também foram escolhidos pela Fieg, que irá valer-se da publicação para propor idéias e medidas de fomento à economia goiana e registrar o posicionamento da indústria a respeito de pontos importantes e polêmicos.

Ao participar do lançamento da Agenda em Goiás, o presidente do Conselho Temático de Assuntos Legislativos da CNI. Carlos Eduardo Moreira Ferreira, observou que "a Agenda é um instrumento que permite relação transparente, dando aos empresários condição de acompanhar e influir nas decisões". Ele destacou ainda a importância de as lideranças patronais e empresários acompanharem de perto o que se passa no Legislativo. "Só assim podemos atuar com competência em prol do setor", reforçou.

Para Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg, ao inspirar-se no modelo da CNI e criar seus próprios mecanismos de acompanhamento, "Goiás está de certo modo na frente dos outros Estados". Ele lembra também que, à medida que alguns projetos são votados e outros são submetidos à apreciação dos deputados e a publicação se torna desatualizada, a Federação se mantém atenta, registrando cada uma das etapas de tramitação, sempre recorrendo a ela como uma fonte de consulta, para adotar posicionamentos técnicos e políticos.

Meio ambiente em pauta

Suspensão de taxa indevida e o compromisso de prolongar prazo de validade da licença ambiental foram saldo positivo do encontro promovido pela Fieg

lgumas demandas pendentes na área ambiental foram so-Jucionadas em reunião coordenada pelo presidente da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, entre representantes de sindicatos com o secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Aldo Arantes; o presidente da Agência Ambiental de Goiás, Osmar Pires; e diretores de órgãos da área. O encontro, realizado no dia 23 de junho, na sede da federação, resultou na suspensão imediata de taxa de fiscalização ambiental cobrada irregularmente das micro-confecções. Acordo assinado entre o Sindicato das Indústrias de Confeccões de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), a Associação Goiana das Indústrias de Confecções e Correlatas (Agicon) e a Agência Ambiental de Goiás estabelece que as indústrias filiadas a essas entidades, com faturamento anual igual ou inferior a R\$ 1.200.000,00, estarão isentas da taxa. As demais empresas serão enquadradas na menor taxa vigente.

Frederico Evangelista, presidente do Sinroupas, explica que a isenção se deve ao baixo potencial poluidor: "A taxa é cobrada pelas empresas potencialmente poluidoras, o que não é o caso das micro empresas de confecção". Segundo ele, a medida beneficiará mais de mil indústrias goianas. "O apoio da Fieg foi fundamental para conseguirmos esta medida", reconhece.



Presidentes de sindicatos se reúnem com autoridades da área ambiental

Problemas identificados pelos empresários com relação às políticas públicas na área ambiental foram formalizados em documento encaminhado há mais de três meses pela Fieg à Agência Ambiental. Dentre eles, estavam os relacionados a medidas de desburocratização e agilidade nos processos de licenciamento, além de seu curto prazo de validade. "Há indústrias que podem ter problemas com financiamentos, por demora na emissão da licença", aponta o presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas de Goiás, Ivan da Glória Teixeira.

A validade da licença ambiental varia conforme o tipo de enquadramento da indústria. Segundo resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), a licença pode valer por até dez anos, ficando a critério das agências ambientais estaduais legislarem sobre o prazo. Em Goiás, boa parte das licenças tem validade de até dois anos. De acordo com Osmar Pires, a desburocratização, bem como a dilatação do prazo, serão viáveis a partir da implantação do Sistema de Gestão Ambiental (SGA), que se traduz na informatização de todos os procedimentos realizados pela agência, o que deverá acontecer ainda este ano, conforme planejado. Com isso, o presidente da Agência Ambiental assegurou que empresas como a Sama Mineração, certificada três vezes com a ISO 14001 de gestão ambiental, poderão fazer sua autofiscalização e obter licenciamento com validade por até dez anos.

Ciclo de palestras

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simelgo) retoma no segundo semestre o ciclo de palestras técnicas, iniciativa de sucesso implantada pela atual diretoria. Além de atrair o associado para dentro do sindicato, as palestras trazem informações que ajudam o empresário a administrar sua empresa. A programação estará sendo divulgada no site www.simelgo.org.br e no Informativo Simelgo, dirigido às empresas do setor.

Pedras de Goiás em alta no exterior

As rochas ornamentais goianas foram destaque na Stone-Tec 2005, feira especializada que aconteceu em Nuremberg (Alemanha). Seis contêineres foram comercializados como vendas experimentais, que significam 150 toneladas para entrega em dois meses, representando cerca de 50 mil euros, o equivalente a R\$ 150 mil. O foco principal do evento concentrou-se nas rochas processadas de formas simples, com pouca transformação industrial. "É o tipo de material processado pelos produtores de Pirenópolis e região", explica o presidente do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), Luís Antônio Vessani, que participou do evento acompanhado do representante da Cooperativa dos Produtores de Pedras de Pirenópolis (Coopedras), Newton Ferreira Neto. De acordo com Vessani, o evento superou as expectativas dos goianos, que não imaginavam concretizar vendas com tanta rapidez. "Esperávamos conseguir encomendas e já voltamos com vendas", comemora.

Prêmio Aquino Porto

O Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigego), em parceria com o Sindicato das Empresas de Painéis, Outdoors, Mídia Exterior e Comunicação Visual no Estado de Goiás e o Sindicato das Agências de Propaganda, lançou, no dia 30 de junho, o 1º Prêmio Aquino Porto de Criação e Produção Gráfica. O prêmio contemplará peças gráficas produzidas no período compreendido entre 1º de janeiro de 2004 até o encerramento das inscrições, dia 31 de agosto, e terá três categorias: profissional, agência e estudante. O regulamento está no site do sindicato: www.sigego.org.br



Instituto de Certificação Qualidade Brasil Seu parceiro para o desenvolvimento Com apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o ICQ Brasil é um Organismo de Certificação criado para você!

E quem ganha com isso é sua empresa, que pode contar com uma certificação séria, transparente e com a confiabilidade que você espera de uma grande certificadora.

Conheça o ICQ Brasil. Mais que sua certificadora:

Seu parceiro para o desenvolvimento!

www.ICQBRASIL.com.br

(**62**) 3219-1397

Assédio moral no trabalho

SEBASTICO VIEIRA CAI [ETA-

ambém denominado psicoterror e coação moral, o assédio moral é tão antigo quanto o trabalho. Desde que o ser humano sentiu necessidade de vender sua mãode-obra, passou a conviver com ironias, ofensas, mau humor de chefes.

A guerra psicológica no local de trabalho agrega dois fenômenos: o abuso de poder e a manipulação perversa de fatos e informações. Caracteriza-se por humilhações constantes, exposição do trabalhador ao ridículo, supervisão excessiva, críticas cegas, empobrecimento de tarefas, sonegação de informações, repetidas perseguições. Deteriora, sensivelmente, o ambiente do trabalho, com diminuição de produtividade e incremento de acidentes.

O psicoterror causa danos emocionais e doenças psicossomáticas, como alterações do sono, distúrbios alimentares, diminuição da libido, aumento da pressão arterial, desânimo, insegurança, entre outros. Também pode acarretar quadros de pânico e de depressão e, em casos extremos, até levar à morte ou ao suicídio.

Estima-se que no Brasil pelo menos 40% dos trabalhadores sofreram violência moral. Muitos são os exemplos de assédio moral nas relações de trabalho, dentre eles instruções confusas e imprecisas, exigência de trabalhos urgentes sem necessidade, críticas em pú-



trabalho comporta a obrigação de

blico, transferência de setor com o intuito de humilhar, privação de trabalho, depreciação das tarefas feitas, marcação de tempo e de vezes para ir ao banheiro, exigência de desempenho acima da qualificação, submissão a tarefas inferiores à função desempenhada, exigência de trabalhos complexos em tempo insuficiente, desrespeito ou imposição de crenças religiosas, filosóficas ou políticas.

Esse quadro é totalmente contrário ao Direito. O ordenamento jurídico brasileiro funda-se na dignidade da pessoa humana e nos valores sociais do trabalho, que são fundamentos da República Federativa do Brasil. Constitui-se objetivo fundamental do País a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Acima de tudo, tem o empregador a obrigação de respeitar a personalidade moral do empregado na sua dignidade absoluta de pessoa humana. A tutela da dignidade moral do trabalhador se manifesta em face dos atos relativos aos poderes de organização e de controle da empresa. Com isso proíbem-se ingerências na liberdade de consciência e de vontade, na intimidade, nos direitos fundamentais do empregado no trabalho.

O contrato de trabalho comporta, com absoluta primazia, a obrigação de respeitar a pessoa humana na sua inteireza. As regras de proteção incidem no conteúdo do contrato de trabalho e dele fazem parte, determinando uma série de direitos e obrigações para ambas partes. A ofensa a tais preceitos autoriza a rescisão contratual pelo empregado ou pelo empregador, além de causar danos morais indenizáveis.

A tutela do trabalhador se entrelaça com sua essência e dignidade humana. Jamais a subordinação jurídica pode ser interpretada como menosprezo do empregado ou consentimento para impor-lhe humilhações e constrangimentos.

Sebastião Vieira Caixeta é presidente da Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT)

SINDICATOS COM SEDE NA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE COTÁS - FIRG Av. Atlangea, nº 5.40, Rdifício Jisé Aguiro Ruto, Relacio de Trots do Cabania / CD, CEP 7408-010

SE

Siroikato das Iroikatrias de Alimentação no Estado

de Conés

Besidete Sando Marel

Rome (52) 3224-4253 Pax 3224-9226 - siaeniterra.combr

SEC

Sindicto de Indistries Etnativas do Estado de Giás

edoDistrito Rehal.

Besidence Orlando Alves Carreiro

Rome (2) 3212-6092 Fex 3212-6092 - sieengesistemafiergosphr

ATE.

Sindicto de Indistrias Cláficas no Estado de Clás

Bresidente: Antônio de Sousa Almeida

Total (2) 3223-655 Fax 3225-4998 -signognistratifiergorgion

SIMEGE

Sirdictodas Irdistrias Netalúgicas, Netânicas e

de National Eléctrico do Estado de Coiás

Residence Helio Naves

Rome/Fex (62) 3224-4462 - contato@sinelop.org.br

SIMPLACED

Sirdicato des Irdistrias de Material. Plástico no Estado

de Cobés

Bresidente: Joge Iuiz Bezz Meister

libre (2) 32292427 Fax 3224-5405 -simplampraistenafiergosplar

SWEE

Sindicato das Indistrias de Tonefação e Mangro de Café

no Estado de Cojás

Residence Saxio Clouirel Câmara

libre (2) 3212-7473 libr. 3212-5249 -sincafe@sistemafiergocylor

Sindicato das Acesinos do Estado de Coiás

Residence Carlos Alberto Diniz

Fore/fax (62) 3224-5583

SNDAF

Sindicto des Indistrias de Alfaidaria e Confecção de

Romas para Homers no Estado de Coiás

Besidente: Daniel Viana

Pone (62) 3223-2050

SINDERIA

Sindicto des Indistrias Etativas de Redeiras do Estado

decon ToeIF

Besidete EdooRasi

The (2) 3224-998 Fex 3223-6667 - sindinitalesisterafie goglor

SNDCACE

Sindicto des Indistries de Calçados no Estado de Coiás

Residente: Elázio Remani.

Robe (2) 3225-6412 Fex 3225-6402 - sirolical desistema fregorgion

SINDCARE

Strolicato das Irolistrias de Carres e Denivados ro

Batabal Cháse Danto Rebal

Bressidente: José Magno Peto

Romatica (2) 322-1187 e 3212-1521. - sirolicamenistama firegorgia:

SIDICIRUE

Sindicto des Indistrias de Cirturas e Cinelatos do

Estado de Colás

Besidente: Jão Essado

Fore (2) 3213-4900 Fex 3212-3970 - similartiand.combr

3NDX#S

Sindicato das Indústrias de Cesso, Decoações, Estuques

eOnatos do Estado de Galás

Besidete José Luiz Metin Aboli

Fore (2) 325-7888 - sindigentosistemafieg.org.br

ADD HIE

Sindicto des Indistrias de laticinics no Estado de Giás

Residente César Hébou

Iden 60 3212-1115 IBx 3212-885 - sinleiten tena combo

SINDIRO

Sindicato das Indistrias de Parificação e Confeitaria

mo Estanbale (chás

Residente: Luiz Conzon de Almeida

Robe (2) 325-1016 Esk 325-1016 - sindipanosisterafice;ocylor

SNDR

Sindicato da Indistria de Reparação de Vérculos e Acessónios

ob Estado de Cojás

Residence Adorando Divino de Castro Júnico

Fore (2) 324-0121 - sindingaesistematicy.orgbr

SINIMÁRIS

Sindicto des Indistrias de Moeis e Artefaces de

Madeina no Estado de Coiás

Residente: Carlos Alberto Vieira Sanes

Fore/Fax (62) 3224-7296 - similareis@sisterafieg.org.br

SINDRIG

Sindicato das Maintas de Tiricap da Região Centro-Ceste

Residence: Aluísio Quintanilla de Bancos

Residente ema**ecício:** Merco Antônio Retista

Fore (2) 3223-9703 - sindrigosisterafiegaglar

SINE

Sindicto des Indistrias de Calcário, Cal e Denivedos no

Estado de Cobás

Presidente: Rainumb Viana Ditna

Robe (2) 3223-6667 Bax 3224-9983 - siningensisterafice paglar

SINPROI

Sindicato da Indústria de Broducas de Cimento do Estado

de Geés

Bresidente: Marley Antônio da Roba

Robe (2) 3224-0466 Fex 3224-0338 - siaousistemafiaeyorg.br

SINDULFAR

Sindicato das Indistrias Qúnicas e Hamanêticas no

Estado de Cojás

Presidente: Rollando Cinha Zippani.

liber (2) 3212-3194 liber 3225-0074 - simplifar@sisterafice.cockor

EWE

Sindicato des Indistrias do Vestario no Estado de Giás

Besidente: Riberto Ginarães Mendes

Rome/Fax (62) 3225-8333 - sinvestosistemafilego.gbr

SINDICAIOS COM SEDE EM OUIROS ENDEREÇOS

SM

Sindiato de Indistrias do Anozro Estado de Grás

Residente: Redo Alves de Chiveira

Ra T45, n° 60 - Stor Reno - CEP 7/210-160 - Grânia - CD Rone (2) 3251-3166 Fex 3251-3521 - siampicultura combr

SHATUAR

Stroicato da Iroistria de Horicação de Arciar do Estado de Carás

Besidete: Segrab Bacics Matirez

Residente Beettijo: Topr Monterego (Elestino Otto

RaC226, rf 44 - Jacim Anérica - CEP 74290-130 - Grânica - CD

Rome (2) 3274-3133 Fex (52) 3251-1045

SHAC

Sindicto des Indistries de Harização de Áncol no Estado de Griés

Besidete: Seprob Bacics Matirez

Residente Beautiva: Ign: Monterego (Elestino Otto

Rac26, rf 44 - Jadim América - CEP 7429-130 - Grânia - CE Rote (2) 3274-313 (2) 3251-105 - sifae opera combr

SIMAGRAN

Sindicto des Indistrias de Robas Oranentais do Estado de Grás

Residente Tuís Antônio Veseni

Rat T30, nf 2.105 - Stor Repo - CEP 7205060 - Goânia - CO

Roberts (2) 325-700 - Vessoniantspoonlar

TATOON

Sindato de Triústria Ntalúcica, Marica e de Niterial Elérico

ob Sobste Chiano

Residete: Experts Mizardo Nues

RD VERDE - (G) 3613-4810

SINEDIES

Sindiato des Indistrias de Confecções de Rogas en Gal de Gânia.

Besidete Beelvico Netris Expelisa

Ra 1.137, rf 87 - Stor Nerista - CEP 7480-160 - Geânia - CE

Fore Fax (62) 3092-4477 - agiconagicon.combo

SNIKOVO Snokaca inúkria da Contrazo no Etado de Ciás

Besidete Jovano Texera Jadin

Rautão de Alone, n° 427 - Seton Ceste - CEP 74120-110 - Goldinia - CD

Tone (2) 335555 Fex 335517(/517) contactorind.compias.com/or

> SINDICAICS COM SEDE EM ANÁROLIS Av. Bog Resetchinge, nº 2994, Jindéi, Anárolis/Co CEP 75113-600 Roseñax (2) 3324-5786 / 3311-5355

email:s indindstria@ teracombo

CIV.

SA Sindicato des Indistrias de Alimentação de Alándis

Residente: Wilson de Otiveira

Sindicto des Inústrias de Construção e do Mobiliário de

Atápolis Besidete: Utitatan de Silva Iques

1/45/

Similato das Indis trias Nitaliúcias, Nitânias e de Niterial Flérico de Acinolis

tnas Netalugicas, Netanicas e del Besidente: Elton de Teles Campos

SINCERAM

suvuman Sindicto das Indistrias de Câânica no Estado de Câás

Residente: Laente Sinão

1

Strokato das Indistrias do Vestário de Atápolis

Residence José Vieira Conide Jinior

Nortel. O seu fornecedor completo



Além de garantir a excelência dos mais de 45 mil itens que distribui, a Nortel oferece serviços que são referência na área de implantação de projetos e assessoria.

Com filiais espalhadas em todo o Brasil, a Nortel possui know-how adquirido em diversas instalações e montagens, em indústrias nacionais e multinacionais, além de contar com uma equipe técnica capacitada e atualizada com as últimas tecnologias.





















em serviços e suprimentos industriais

